

2º CICLO

MESTRADO EM MEDICINA LEGAL

Atitudes dos voluntários perante
um doente mental ou um recluso:
um estudo comparativo

Lara Fonseca Cerveira Dá Mesquita



Lara Fonseca Cerveira Dá Mesquita. Atitudes dos voluntários
perante um doente mental ou um recluso: um estudo comparativo

Atitudes dos voluntários perante um
doente mental ou um recluso: um
estudo comparativo

Lara Fonseca Cerveira Dá Mesquita



M.ICBAS 2023



Lara Fonseca Cerveira Dá Mesquita

***Atitudes dos voluntários perante um doente mental ou um recluso:
um estudo comparativo***

Dissertação de Candidatura ao grau de

Mestre em Medicina Legal submetida ao Instituto
de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da
Universidade do Porto

Orientadora – Doutora Mariana Pinto da Costa

Categoria – Professora Auxiliar

Afiliação – Instituto de Ciências Biomédicas Abel
Salazar da Universidade do Porto

“A perfeição não é alcançada quando já não há mais nada para adicionar, mas quando já não há mais nada que se possa retirar”

“Aqueles que passam por nós não vão sós, não nos deixam sós, deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”

Antoine de Saint-Exupéry

Agradecimentos

A elaboração desta dissertação foi um caminho longo e dotado de desafios e inseguranças, que não teriam sido levadas a bom porto sem os meus pilares, que sempre me apoiaram neste percurso e o tornaram mais fazível.

Primeiramente, dedico o meu trabalho a todos os que me acompanharam nesta viagem de longe ou de perto, uma vez que este contém um bocadinho de todos vós, e não faria sentido se assim não o fosse.

À minha orientadora Doutora Mariana Pinto da Costa, demonstro o meu agradecimento por me ter encaminhado incansavelmente neste percurso, sempre com a maior das paciências.

Aos professores com os quais me cruzei no mestrado e que demonstraram uma permanente disponibilidade e conhecimentos. Ademais, queria também agradecer o contributo do meu colega Jaime Oliveira e da minha colega Mónica Salselas para o aperfeiçoamento da dissertação.

À minha amiga Joana, que desde a minha licenciatura permaneceu sempre a meu lado, onde partilhamos as frustrações passadas e onde nos nutrimos com uma força transcendente para concretizarmos esta etapa.

À minha mãe Maria pelo apoio incondicional e encorajamento nos altos e baixos desta caminhada.

Ao meu pai Paulo que sempre acreditou nas minhas capacidades.

À minha avó Elza e tia-avó Nair por mostrarem sempre preocupação não só com esta etapa, mas com o que o futuro me reserva.

Por fim, a todas as pessoas restantes da minha família e amigos um eterno obrigado por contribuírem para que hoje eu esteja aqui a concluir esta etapa.

A todos, obrigada!

Resumo

Introdução: O voluntariado constitui uma oportunidade para a transformação social e coesão social. Portugal é um dos países da Europa com menor número de iniciativas de voluntariado. Geralmente, a sociedade afasta-se dos indivíduos com doença mental e dos reclusos, como tal, o estigma torna-se numa das barreiras à reinserção social. Contudo, estes indivíduos podem beneficiar da sua reintegração já que o voluntariado é tido como uma intervenção benéfica.

Objetivos: Analisar e comparar as diferenças e semelhanças nas atitudes dos voluntários em relação às pessoas com doenças mentais e aos reclusos.

Metodologia: Foi feita uma análise secundária qualitativa suplementar utilizando transcritos de trinta e nove entrevistas individuais semiestruturadas com voluntários em contexto prisional e de dois grupos focais com voluntários em saúde mental. A análise de dados foi feita através de uma análise temática do tipo indutivo.

Resultados: Quatro temas emergiram da análise, nomeadamente: 'Motivação e características do voluntário', 'Papel do voluntário', 'Relação de voluntariado e o seu impacto' e 'Desafios enfrentados pelos voluntários'.

Conclusões: As perspetivas dos voluntários em saúde mental e em estabelecimentos prisionais são semelhantes, incluindo a necessidade de formação específica na área e nas atitudes e comportamentos positivos de ambos os grupos de voluntários em relação aos indivíduos apoiados. As diferenças foram relativamente às características necessárias para se ser voluntário, às atividades realizadas com os indivíduos apoiados e as dificuldades enfrentadas pelos voluntários.

Palavras-chave | Atitudes, Doente mental, Recluso, Voluntariado, Voluntários, Estudo qualitativo, Portugal

Abstract

Introduction: Volunteering represents an opportunity for social transformation and social cohesion. Portugal is one of the European countries with fewer volunteering initiatives. Generally, society distances itself from individuals with mental illness and inmates, therefore, stigma becomes one of the barriers to social reintegration. However, individuals can benefit their reintegration, as volunteering is seen as a beneficial intervention.

Objectives: To analyze and compare the differences and similarities in the attitudes of volunteers towards people with mental illnesses and inmates.

Methodology: A supplementary qualitative secondary analysis was conducted using transcripts from thirty-nine semi-structured individual interviews with prison volunteers and two focus groups with mental health volunteers. Data analysis was performed through an inductive thematic analysis.

Results: Four themes emerged from the analysis, namely, 'Volunteer motivation and characteristics', 'Volunteer's role', 'Volunteering relationship and its impact', and 'Challenges faced by volunteers'.

Conclusions: The perspectives of volunteers in mental health and in prisons are similar, including the need for specific training in the area and the positive attitudes and behaviors of both groups of volunteers towards the individuals supported. The differences were related to the characteristics necessary to be a volunteer, the activities carried out with the individuals supported and the difficulties faced by volunteers.

Keywords | Attitudes, Mental illness, Inmate, Volunteering, Volunteers, Qualitative study Portugal

Índice

Agradecimentos.....	iv
Resumo	v
Abstract.....	vi
Índice de tabelas.....	x
Introdução	1
Voluntariado.....	1
Enquadramento jurídico do voluntariado em Portugal	2
Voluntariado em Portugal	3
Voluntariado em saúde mental.....	3
Voluntariado nos estabelecimentos prisionais	5
Objetivo de estudo / Questão científica	7
Metodologia	8
Desenho do estudo	8
Caraterização da amostra	8
Análise temática.....	10
Resultados	11
Motivações e características do voluntário.....	12
Solidariedade e vontade de ajudar.....	12
Influência do contato com outros voluntários	13
Flexibilidade e neutralidade do voluntário	14
Compromisso do voluntário	14
Aquisição de status social VS Crescimento pessoal	15
Necessária paciência do voluntário VS Necessário manter um certo distanciamento	15
Qualquer um pode ser voluntário VS Capacidades específicas para se ser voluntário	16

Papel do voluntário	17
Combater o isolamento	17
Promover autoestima	18
Preparar para a reinserção social	18
Vigilância de mudanças na saúde mental VS Discrção e evitamento de discussões legais	19
Relação de voluntariado e o seu impacto	20
Incertezas e receios nas primeiras interações	20
Relação próxima e empática entre voluntários e os que são apoiados	21
Maior recetividade para os voluntários comparativamente com outros	22
Crescimento pessoal do voluntário	23
Relativização por parte do voluntário	24
Auxílio prático em atividades da vida diária VS Apoio existencial através da religião	25
Aprender sobre doença mental VS Familiarização com o ambiente prisional	25
Desafios enfrentados pelos voluntários	26
Observar resultados significativos do apoio dos voluntários	26
Cuidado dos voluntários para com os indivíduos apoiados	26
Desconstruir o estigma e sensibilizar a sociedade	27
Dificuldades em lidar com as pessoas com doença mental VS Confronto com o meio prisional como violento	28
Vergonha e abandono das pessoas com doença mental VS Foco no crime cometido pelo recluso	29
Discussão.....	31
Resultados principais	31
Pontos fortes e limitações	32
Comparação com outra literatura	33
Implicações dos resultados para a prática e investigação futura	36
Conclusões	38
Apêndices	39

Apêndice 1	39
Apêndice 2	51
Apêndice 3	52
Referências	54

Índice de tabelas

Tabela 1 | Dados sociodemográficos dos voluntários.....8

Tabela 2 | Temas e subtemas.....10

Introdução

Voluntariado

O voluntariado é uma ação pró-social contínua, desprovida de imposições exteriores, sendo conduzida pela vontade e pelas motivações pessoais dos agentes sociais (*Declaração Universal sobre o voluntariado*, 1990). É uma ação gratuita através de uma organização e resulta em benefício de terceiros (Parboteeah et al., 2004; Romão et al., 2012; Serapioni et al., 2013). Esta ação voluntária contribui para as transformações sociais, coesão social, respostas a problemas sociais e preenchimento de lacunas nos serviços prestados às comunidades (Serapioni et al., 2013; Snyder et al., 2008). O voluntariado traz consigo uma série de benefícios, entre os quais, o fortalecimento da solidariedade, positividade, bem-estar geral e mental, além de uma vida mais longa e saudável (Carvalho et al., 2021; *Declaração Universal sobre o voluntariado*, 1990; Snyder et al., 2008) e enriquece culturalmente e relacionalmente aqueles que o realizam (Parboteeah et al., 2004; Romão et al., 2012; Serapioni et al., 2013).

O voluntariado é exercido em diversos contextos, abrangendo diferentes grupos-alvos e atividades variadas de acordo com a população atendida, tendo proliferado recentemente o voluntariado *online*. As ações voluntárias podem ocorrer tanto a nível nacional como internacional e ser de duração curta, longa, sazonal, pontual ou ocasional (Fernandes, 2016). O voluntariado pode ser realizado de forma formal ou informal. A primeira, é estruturada e realizada no âmbito de organizações ou associações (Parboteeah et al., 2004; Serapioni et al., 2013). A segunda, é mais espontânea, fora do contexto organizacional e realizada diretamente pelo indivíduo, como, por exemplo, ajudar alguém a atravessar a rua (Fernandes, 2016; Ferreira, 2014; Serapioni et al., 2013). Globalmente, o voluntariado informal demonstrou ser predominante, mesmo durante a pandemia COVID-19. Neste contexto a maioria dos voluntários são do sexo feminino, em contrapartida, os voluntários em contexto formal são maioritariamente do sexo masculino (*Relatório sobre o estado do voluntariado no mundo 2022: Construindo sociedades equitativas e inclusivas*, 2021).

Para ser voluntário é necessário disponibilização de tempo, de energia e aptidões, juntamente com uma vontade livre e espontânea (sem a existência de coação) por parte do agente (Parboteeah et al., 2004; Romão et al., 2012; Serapioni et al., 2013). A motivação subjacente ao voluntariado pode ser classificada como de origem interna ou externa

(Carvalho et al., 2021; Klug et al., 2018), sendo influenciada por uma variedade de fatores, tais como, autoconhecimento e desenvolvimento, valores pessoais, aprovação social, contribuição para uma melhoria do bem-estar social, ter acesso a outras realidades e religião. A influência positiva de outros voluntários também desempenha um papel importante no estímulo ao voluntariado, uma vez que a percepção dos benefícios proporcionados pelo voluntariado a terceiros pode incentivar à participação no voluntariado (Carvalho et al., 2021).

Enquadramento jurídico do voluntariado em Portugal

O voluntariado é um fenómeno global que ocorre em diferentes contextos culturais e sociais, estando sujeito a diferentes enquadramentos jurídicos (Jacinto, 2020; Serapioni et al., 2013)

Conforme estabelecido por uma das disposições legais portuguesas relativas às ações voluntárias, “O voluntariado é uma atividade inerente ao exercício de cidadania que se traduz numa relação solidária para com o próximo, participando, de forma livre e organizada, na solução dos problemas que afetam a sociedade em geral” (Decreto-lei n.º 389/99 de 30 de setembro, p.6694).

De acordo com a lei portuguesa sobre as bases do enquadramento jurídico do voluntariado em Portugal:

Voluntariado é o conjunto de ações de interesse social e comunitário realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas. Não são abrangidas pela presente lei as atuações que, embora desinteressadas, tenham um carácter isolado e esporádico ou sejam determinadas por razões familiares, de amizade e de boa vizinhança. (artigo 2.º da Lei n.º 71/98 de 3 de novembro, p.5694)

O voluntário é o indivíduo que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões próprias e no seu tempo livre, a realizar ações de voluntariado no âmbito de uma organização promotora [...]. (artigo 3.º da Lei n.º 71/98 de 3 de novembro, p. 5694)

Segundo a legislação vigente em Portugal, o voluntário tem inerente a si, direitos (artigo 7.º), deveres (artigo 8.º) e princípios orientadores (artigo 6.º), os quais incluem o princípio da solidariedade, participação, cooperação, complementaridade, gratuidade, responsabilidade e convergência. Os deveres dos voluntários englobam obrigações perante os beneficiários da ação voluntária, a organização promotora (artigo 4.º), profissionais envolvidos, outros voluntários e a sociedade em geral. É de ressaltar que o voluntariado informal está excluído desta legislação (Lei n.º 71/98 de 3 de novembro).

Voluntariado em Portugal

Apesar do crescente destaque do voluntariado nos meios de comunicação e nas políticas públicas, Portugal continua a apresentar poucas iniciativas de voluntariado, sendo considerado um dos países com uma das taxas de voluntariado mais baixas da Europa (Ferreira, 2014). Em 2012 a taxa de voluntariado em Portugal apresentava-se nos 11.5%, porém, em 2018, decresceu para 7.8% (*Inquérito ao trabalho voluntário 2012, 2013; Inquérito ao trabalho voluntário 2018, 2019*).

Além disso, constatou-se que, tanto no voluntariado formal como no informal, há uma prevalência de indivíduos do sexo feminino. No voluntariado formal, os voluntários são predominantemente jovens, com níveis significativos de educação, desempregados e solteiros. Por outro lado, no voluntariado informal, o perfil dos voluntários é caracterizado por uma idade mais avançada, diversos níveis de escolaridade, desempregados e divorciados/separados (*Inquérito ao trabalho voluntário 2012, 2013; Inquérito ao trabalho voluntário 2018, 2019*).

Voluntariado em saúde mental

Em 2019, a prevalência de doenças mentais a nível mundial foi de 8.2%, enquanto que em Portugal a taxa foi de 14%, abrangendo ansiedade, depressão, bipolaridade, esquizofrenia e perturbações alimentares (Global Burden of Disease [GBD], 2019). Anualmente, cerca de 165 milhões de pessoas em todo o mundo são afetadas por uma doença mental (*Perturbação mental em números*, s.d.). Portugal destaca-se na Europa como o segundo país a apresentar prevalências elevadas de doenças mentais, sendo que

estas representam 11.8% das doenças em Portugal (*Perturbação mental em números*, s.d.).

Apesar das incongruências entre a vontade social de ajudar pessoas com doença mental e a tendência de afastamento social dessas pessoas, tanto os voluntários como os profissionais de saúde consideram benéfico que as pessoas com doenças mentais sejam alvo de voluntariado (Klug et al., 2018; Thompson et al., 2015). Vários estudos têm evidenciado as repercussões positivas do voluntariado, tanto nos indivíduos apoiados como nos voluntários (Costa & Oliveira, 2023). Os benefícios para os indivíduos incluem melhorias na sua recuperação, bem-estar, satisfação, levando os utentes a sentirem-se oportunos, mais integrados e valorizados (Carvalho et al., 2021). Ademais, o voluntariado contribui para o combate ao isolamento e ao estigma social, o que consequentemente, facilita a adaptação e coesão social (Klug et al., 2018). Quando estes indivíduos não recebem apoio voluntário, enfrentam um aumento do isolamento social, enfraquecimento das suas redes de relações sociais, diminuição da qualidade de vida e aumento da internalização do estigma (Botero-Rodriguez et al., 2021; Costa et al., 2022; Jensen et al., 2017; Klug et al., 2018).

As motivações dos voluntários em saúde mental geralmente estão entre o desenvolvimento do próprio e ajudar o indivíduo vulnerável (Jensen et al., 2017; Klug et al., 2018). Algumas destas motivações, embora possam ser vistas como egocêntricas, podem comprometer o prolongamento e desenvolvimento do voluntariado (Klug et al., 2018). Além disso, um estudo verificou que sentimentos de realização e recompensa têm repercussões positivas no tempo e manutenção do voluntariado (Jensen et al., 2017).

O voluntariado em saúde mental é um fenómeno multifacetado que pode variar desde uma abordagem mais amigável e informal até uma intervenção mais terapêutica e formal, podendo ser de natureza ativa (algo mais definido) ou passiva (Cassidy et al., 2019; Costa et al., 2022). O fundamento deste voluntariado é fornecer apoio social aos indivíduos proporcionando uma convivência mais informal, bem como aliviar a carga de trabalho dos profissionais de saúde (Klug et al., 2018). Os voluntários em saúde mental oferecem apoio, esperança, escuta e encorajamento aos indivíduos, além de lhes proporcionarem atividades que os ajudem a adquirir competências sociais e autonomia, facilitando a sua recuperação e posterior integração social (Botero-Rodriguez et al., 2021; Thompson et al., 2015). Também é fundamental que os voluntários mantenham uma postura desprovida de julgamentos (Botero-Rodriguez et al., 2021).

A relação entre o doente e o voluntário em saúde mental é considerada um vínculo não convencional, recíproco, e com um limite de tempo definido. Assemelha-se a um

“contrato” em que há regras a ser seguidas para o estabelecimento da relação (Costa et al., 2022; Jensen et al., 2017). Comumente, os limites da relação estabelecidos inicialmente são readaptados ao longo do vínculo de modo a atender às necessidades do indivíduo (Cassidy et al., 2019). O voluntário investe mais tempo no vínculo do que os indivíduos, sendo visto pelo indivíduo como um modelo saudável a seguir (Costa et al., 2022; Jensen et al., 2017).

Voluntariado nos estabelecimentos prisionais

Mundialmente, segundo a Global Prison Trends de 2023, há 11.5 milhões de reclusos a nível mundial, sendo 93% do sexo masculino e 7% do sexo feminino (*Global prison trends 2023*, 2023). Em Portugal de acordo com a PORDATA, em 2008 existiam 10.807 reclusos, número que aumentou para 11.704 em 2021 (*Reclusos: Total e por nacionalidade*, 2023). Conforme o Relatório do Conselho da Europa de 2019, Portugal apresentava uma taxa de reclusão de 125 reclusos por 100 mil habitantes, enquanto que a média europeia era de 106 reclusos por 100 mil habitantes. Além disso, a duração média das penas em Portugal em 2018 foi de 32 meses, em contraste com a média europeia de 7.7 meses. É importante ainda mencionar que a taxa de ocupação das prisões em Portugal foi de 99.5%, refletindo-se em problemas de sobrelotação nas prisões (*Portugal com taxa de reclusão superior à média europeia*, 2020).

Embora o voluntariado não seja amplamente difundido em Portugal, de 2005 a 2007 verificou-se um aumento no número de voluntários (82%) e no número de reclusos apoiados (51%) nos estabelecimentos prisionais de Sintra, Leiria, Castelo Branco e Beja (Vicente et al., s.d.).

Segundo a Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais:

O voluntariado em meio prisional é uma atividade organizada, sustentada num programa de gestão do voluntariado, adequadamente acompanhada por entidades promotoras de voluntariado, que coordenam o exercício da atividade do voluntário, consubstanciando-se através de projetos de voluntariado, de forma a permitir um profícuo interface entre o saber e a vontade de colaborar, contribuindo para melhorar a qualidade de vida de quem está privado de liberdade. (*Voluntariado em meio prisional*, 2023).

Para ser voluntário nos estabelecimentos prisionais é necessário, em primeiro lugar, estar integrado numa instituição promotora de voluntariado. Em seguida, o processo envolve a pré-seleção pela instituição prestadora de voluntariado, na qual são avaliadas as motivações, expectativas e características do indivíduo, seguida da seleção final, realizada pela instituição onde o voluntário realizará a sua atividade (Salselas & Costa, 2022). Este processo de seleção requer cuidado e uma consideração criteriosa das características dos voluntários, devido à natureza difícil do ambiente e da população com a qual se vai trabalhar. Sendo assim, torna-se imperativo compreender as necessidades e expectativas dos reclusos, as áreas de intervenção e o papel que o voluntário desempenhará. Além do mais, a formação e supervisão dos voluntários são essenciais, sendo a formação geral fornecida pela entidade de voluntariado e a formação específica oferecida pelo estabelecimento prisional onde o voluntário vai atuar (Salselas & Costa, 2022).

O voluntariado em contexto prisional abrange uma ampla variedade de áreas, incluindo, o desenvolvimento de competências sociais e pessoais, atividades culturais, artísticas, educativas e formativas, melhoria das instalações prisionais, atividades de relaxamento, promoção de estilos de vida saudáveis e conexão com a comunidade (*Voluntariado em meio prisional*, 2023). Alguns dos principais objetivos do voluntariado incluem reduzir o isolamento e estigma social, capacitar os reclusos com novas competências, tanto dentro como fora das prisões, promover a reintegração, bem como melhorar o bem-estar dos reclusos (Chui & Cheng, 2013; Salselas & Costa, 2022). O impacto dessas visitas, embora sujeito a variações de acordo com a sua consistência e regularidade, resulta em repercussões positivas, tais como, promover pensamentos positivos e perspectivas futuras entre reclusos e reduzir risco de reincidência e comportamentos inadequados durante o período de reclusão (Chui & Cheng, 2013; Salselas & Costa, 2022; Schuhmann et al., 2018). As visitas podem ser consideradas uma forma de controlo informal (Cochran, 2012) e uma forma de facilitar a implementação e manutenção de programas em meio prisional (Lisa et al., 2014). Ademais, os voluntários também saem mais proveitosos desta experiência ao contactarem com diferentes perspectivas, aprimorando a gestão das suas expectativas e prioridades, relativizando desafios e adquirindo novas habilidades, oportunidades e rotinas (Salselas & Costa, 2022).

Objetivo de estudo / Questão científica

Este estudo comparativo pretendeu investigar as semelhanças e diferenças entre os dois grupos de voluntários em contexto de saúde mental e no contexto prisional.

Pelo exposto, a pergunta que emerge e sobre a qual este estudo procura dar resposta é:

- *“Quais as semelhanças e diferenças nas atitudes dos voluntários em relação aos reclusos e a pessoas com doença mental?”*

Metodologia

Desenho do estudo

Foi realizada uma análise secundária qualitativa suplementar, a qual se focou na reutilização e maximização de dados de modo que houvesse uma investigação aprofundada de determinados aspetos ou tópicos que não tenham sido considerados ou analisados com o mesmo detalhe no estudo principal. Esta análise permitiu dar uma nova perspetiva aos dados já recolhidos por outros investigadores (Heaton, 2004, 2008; Tate & Happ, 2018).

Os dados utilizados foram diretamente obtidos mediante um pedido aos investigadores primários (partilha informal de dados) (Heaton, 2004, 2008). Foi facultado o acesso a transcritos de dois grupos focais acerca de voluntariado em saúde mental e a trinta e nove entrevistas semiestruturadas de voluntariado em estabelecimentos prisionais. Estes dados são considerados dados não naturalísticos ou artefactuais e foram partilhados de modo seguro (Heaton, 2004, 2008).

O recurso a esta metodologia trouxe vantagens temporais na recolha de dados, mas também permitiu acesso a uma população “escassa” dado que se trata de modalidades de voluntariado pouco conhecidas. Ademais, reduziu o fardo para os participantes.

Caraterização da amostra

A amostra foi constituída por um total de 51 participantes ($n = 12$ voluntários em saúde mental e $n = 39$ voluntários em estabelecimentos prisionais). O intervalo de idades variou entre os 21 anos e os 76 anos ($M = 49.96$, $DP = 16.21$). No presente estudo, as profissões dos voluntários na saúde mental e nos estabelecimentos prisionais foram categorizadas de acordo com a classificação de profissões dos Censos (*Classificação portuguesa das profissões 2010*, 2011).

Tabela 1|

Dados sociodemográficos dos voluntários

		Voluntariado em Saúde Mental	Voluntariado em Estabelecimentos Prisionais
Sexo	Feminino	n = 9 (75%)	n = 24 (61.5%)
	Masculino	n = 3 (25%)	n = 15 (38.5%)
Idade		[21,66] M = 38.4 DP = 14.5	[26,76] M = 53.3 DP = 15.2
Profissão		▪ Especialistas das atividades intelectuais e científicas n = 7 ▪ Aposentado n = 2 ▪ Pessoal administrativo n = 1 ▪ Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores n = 1 ▪ Trabalhadores não qualificados n = 1	▪ Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos n = 3 ▪ Especialistas das atividades intelectuais e científicas n = 15 ▪ Aposentado n = 7 ▪ Técnicos e profissões de nível intermédio n = 6 ▪ Pessoal administrativo n = 2 ▪ Trabalhadores não qualificados n = 2 ▪ Desempregado n = 2 ▪ Sem conhecimento n = 2

Análise temática

A análise dos transcritos foi feita através da análise temática de Braun e Clarke (Braun & Clarke, 2013) e com recurso ao *Software QRS International NVivo 14* (*Software QRS International NVivo 14, s.d.*). O design de investigação utilizado foi do tipo indutivo, o que implica que a análise não foi conformada com perspetivas teóricas, mas sim com a ótica e conhecimento da investigadora (Braun & Clarke, 2013).

Esta análise mostrou-se útil na identificação e na comparação de conteúdo de forma detalhada sem os encaixar numa codificação pré-existente. Além de ter originado resultados acessíveis à população em geral, a análise também permitiu uma maior evidência nas semelhanças e diferenças encontrada (Braun & Clarke, 2013).

De acordo com Braun e Clarke os seguintes passos foram tomados. Foi feita uma leitura repetida dos transcritos para haver uma familiarização com os dados. De seguida começou-se a codificação da informação relevante e posteriormente fundiram-se os códigos de modo a categorizá-los. Por fim, definiram-se e refinaram-se os temas e respetivos subtemas conforme a questão científica. O processo foi sendo revisto com vista a eliminar conteúdo duplicado ou redundante e a integrar conteúdo noutra já existente. Recorreu-se à renomeação quando necessário para que cada tema fosse distinto e apresentasse informação relevante. Para cada subtema foram associadas citações presentes nos transcritos (Braun & Clarke, 2013).

Resultados

Quatro temas surgiram na análise (Tabela 2). Foram encontradas majoritariamente semelhanças entre os dois grupos de voluntários, embora também se tenham verificado algumas diferenças.

Tabela 2|

Temas e Subtemas

	Voluntariado em Saúde Mental	Voluntariado nos Estabelecimentos Prisionais
Motivação e características do voluntário	▪ Solidariedade e vontade de ajudar ▪ Influência do contato com outros voluntários ▪ Flexibilidade e neutralidade do voluntário ▪ Compromisso do voluntário	
	▪ Aquisição de status social ▪ Necessária paciência do voluntário ▪ Qualquer um pode ser voluntário	▪ Crescimento pessoal ▪ Necessário manter um certo distanciamento ▪ Capacidades específicas para se ser voluntário
Papel do voluntário	▪ Combater o isolamento ▪ Promover autoestima ▪ Preparar para a reinserção social	
	▪ Vigilância de mudanças na saúde mental	▪ Discrição e evitamento de discussões legais

Relação de voluntariado e o seu impacto	▪ Incertezas e receios nas primeiras interações ▪ Relação próxima e empática entre voluntários e os que são apoiados ▪ Maior receptividade para os voluntários comparativamente com outros ▪ Crescimento pessoal do voluntário ▪ Relativização por parte do voluntário	
	▪ Auxílio prático em atividades da vida diária ▪ Apoio existencial através da religião ▪ Aprender sobre doença mental ▪ Familiarização com o ambiente prisional	
Desafios enfrentados pelos voluntários	▪ Observar resultados significativos do apoio dos voluntários ▪ Cuidado dos voluntários para com os indivíduos apoiados ▪ Desconstruir o estigma e sensibilizar a sociedade	
	▪ Dificuldades em lidar com as pessoas com doença mental ▪ Confronto com o meio prisional como violento ▪ Vergonha e abandono das pessoas com doença mental ▪ Foco no crime cometido pelo recluso	

Motivações e características do voluntário

Solidariedade e vontade de ajudar

Os voluntários em saúde mental e os voluntários nos estabelecimentos prisionais concordaram que as suas motivações para a participação no voluntariado passaram pelo instinto de ajuda, a solidariedade e a vontade de participar na sociedade. Os dois grupos de voluntários expressaram também o seu desejo de dar apoio aos indivíduos, melhorar aspetos da vida dos indivíduos, bem como colaborar na construção de um ambiente social mais positivo e justo.

“[...] só gosto de pessoas felizes à minha volta [...] Porque gostamos de ver um país mais bonito [...] mais feliz, que não haja tanta ruindade, tanta humilhação.”
(Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntária 03)

“É um instinto, eu acho que é um instinto de a gente ajudar, não é?” **(Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntária 03)**

“Eu sempre senti que nós devíamos encontrar uma forma de participar na sociedade e apoiar as pessoas e sempre tive alguma tendência para olhar para as pessoas que estavam à nossa volta.” **(Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntário 03)**

“[...] acho que passou um bocado por aí, por esta necessidade de querer nem que seja melhorar um bocadinho da vida das pessoas.” **(Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 37)**

Influência do contato com outros voluntários

Ambos os grupos de voluntários reportaram que a troca de experiências e a interação com outros voluntários influenciaram o seu desejo de participar em ações de voluntariado. Alguns destacaram motivos pessoais, como o legado familiar, como um impulso para se envolverem. Manifestaram profunda admiração pelos voluntários mais experientes e referiram sentirem-se aptos para desempenhar as atividades propostas.

“Uma amiga que me disse uma vez eu fui fazer, eu também fui para o voluntariado por uma questão muito pessoal, porque a minha madrinha era voluntária num grupo [...] nós depois vamos passando palavra, e há muita gente a dizer eu quero ir contigo, quero experimentar [...]” **(Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntária 06)**

“Eu aderi ao programa porque tive um ou dois amigos que faziam esse tipo de trabalho e que eu admirava por fazerem esse tipo de trabalho e pensei “se calhar eu era capaz de fazer esse tipo de trabalho”” **(Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntário 03)**

Flexibilidade e neutralidade do voluntário

Ambos os grupos de voluntários referiram a flexibilidade e neutralidade que o voluntário deve apresentar. Os voluntários perceberam-se como adaptáveis às diferentes situações e indivíduos de modo a garantir que o indivíduo não sinta um tratamento diferenciado. Afirmaram, também, a necessidade de fazerem esforços para serem desprovidos de julgamentos.

“[...] o voluntário deve ser um ser adaptável e um profissional adaptável também, nós devemos tentar conciliar ao máximo todas as nossas competências.” **(Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntário 02)**

“[...] agir com ela um bocado diferente, com outros cuidados, que não teríamos com as outras [...] e ao mesmo tempo tentar ter o tal cuidado de ela não se aperceber que nós estávamos a tratá-la de forma diferente para ela não se sentir diferente.” **(Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntário 01)**

“[...] temos que permanentemente para fazer um esforço para não julgar o outro que está à nossa frente. Isso eu acho que é uma coisa que é primordial que é não permitir qualquer julgamento das pessoas.” **(Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 36)**

“Eu adequo sempre a minha forma de estar à pessoa [...]” **(Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntário 20)**

Compromisso do voluntário

O voluntariado foi visto por ambos os grupos de voluntários como um compromisso sério. Foi mencionado pelos participantes que é importante ser assíduo e dar continuidade ao voluntariado, uma vez que há relações a manter. Referiram também que evitavam falhar ao compromisso para não provocar desilusão e falta de confiança nos indivíduos apoiados.

“[...] independentemente de todos os nossos problemas, temos é que nos predispor e dizer ok, isto é para ser levado a sério [...] concordo que ser voluntário uma vez ou ser voluntário é diferente, não é a mesma coisa [...]” **(Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntária 06)**

“Eu pessoalmente, tento fazer os possíveis para não faltar porque não gosto de faltar a compromissos e isto é um compromisso que requer sempre alguma

continuidade, assiduidade porque eles também ficam à nossa espera e se não formos estão a contribuir para a desilusão, desapontamento e não queremos isso porque o pouco da confiança e da ligação que se vai criando aos pouquinhos, pode acabar por se perder.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 38)

“[...] não é ir fazer um ano e depois deixar de fazer porque sim, há relações que se estabelecem e enquanto para nós o tempo passa rápido e temos várias distrações, para eles não.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 39)

Aquisição de status social VS Crescimento pessoal

No entanto, foram encontradas perspetivas divergentes entre ambos os grupos de voluntários quanto às motivações. Enquanto os voluntários em saúde mental referiram reconhecimento social e aquisição de status social como motivações, os voluntários em estabelecimentos prisionais referiram o crescimento pessoal e a possibilidade de conhecer uma vertente desconhecida.

“[...] muita gente também quando faz voluntariado às vezes é mais por uma, por uma questão de título do que, mesmo para fazer voluntariado.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntário 01)

“Ali achei que era uma vertente que eu estou habituada a conversar, a ouvir pessoas e que... era uma vertente que eu não conhecia e que se calhar ajuda um bocado a pessoa a crescer interiormente, a não ter os julgamentos tão radicais [...]” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 02)

Necessária paciência do voluntário VS Necessário manter um certo distanciamento

Verificou-se outra diferença nos pontos de vista dos dois grupos de voluntários. Para os voluntários em saúde mental, a paciência e empatia eram consideradas necessárias, uma vez que lidavam com realidades diferentes e a compreensão delas poderia ser limitada. Já para os voluntários em estabelecimentos prisionais, era considerado necessário e importante manter um certo distanciamento, estando cientes de que estavam lá apenas para desempenhar o seu papel de voluntário, nomeadamente, conversar e fazer companhia.

“Ou seja, o mundo deles é diferente do nosso, nós não conseguimos se calhar fazer, se calhar nem sequer é fisiológico para nós conseguir perceber o que é que aquela pessoa está a pensar naquele momento, ou está a ver, está a experienciar, pronto, e lá está, uma pessoa tem que ter paciência, acho eu, mais do que encontrar a empatia é, é a paciência [...]” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntário 01)

“[...] eu sempre os tratei por tu, mas não lhes dou muita abertura para que me tratem por tu, há aqui alguns distanciamentos que nós devemos assegurar, nós não somos os melhores amigos deles numa perspetiva de estamos ali para lhes dar abraços. Não, nós estamos ali para lhes fazer companhia, para conversar com eles e para ajudar na medida do possível principalmente quando eles vêm cá para fora.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntário 03)

Qualquer um pode ser voluntário VS Capacidades específicas para se ser voluntário

Relativamente às características para se ser voluntário verificou-se uma oposição entre os dois grupos de voluntários. Os voluntários em saúde mental afirmaram que qualquer indivíduo que se quisesse tornar voluntário podia fazê-lo desde que apresentasse disponibilidade. Já os voluntários nos estabelecimentos prisionais mencionaram o contrário, que para se ser voluntário têm de se ter capacidades específicas, que são exigidas pelo contexto de voluntariado em que os voluntários se encontram, nomeadamente, ter maturidade, bom senso, ser atento, assíduo e saber manter distanciamento (emocional).

“Todos podem, todos podem abraçar a nossa causa, todos podem abraçar o voluntariado, mas depois nós, principalmente as administradoras de grupo, também têm que estar atentos ao comportamento dos voluntários.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntária 06)

“[...] acho que a oportunidade deve de ser estendida a todo, a todas as pessoas que têm disponibilidade para o fazer [...]” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntária 04)

“[...] há que ter alguma atenção, alguma maturidade, alguma assiduidade, continuidade, distanciamento emocional, bom senso e nem toda a gente tem essas

características [...]” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 38)

“Portanto, eu penso que as pessoas nem todas se calhar terão características pessoais para serem capazes de não se envolverem e de serem voluntários [...]”
(Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 36)

Papel do voluntário

Combater o isolamento

Tanto os voluntários em saúde mental como os voluntários em estabelecimentos prisionais concordaram que o papel do voluntário versava sobre combater o isolamento social. Afirmaram também que a companhia e presença ativa trazia benefícios emocionais ao indivíduo apoiado, como a sensação de conforto e dignificação do indivíduo.

“É muitas vezes tentar combater aquela barreira que há entre a solidão e o resto de todo o grupo, e o resto de quase toda a sociedade.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntária 05)

“Ganham companhia, isso também é uma boa coisa.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntária 02)

“Portanto, isto é um trabalho de dignificação também, muitos deles não recebem pessoas há anos, membros de família, portanto há aqui um trabalho de presença, de colmatar o seu isolamento e a sua solidão profunda em muitos casos [...]”
(Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntário 06)

“Isto é muito reconfortante para elas [...] A nossa presença é um sentimento que enche aquele vazio cá dentro [...] é sentir que nós para elas somos, ficamos marcadas e que lhes fazemos bem e que elas sentem-se bem connosco [...]”
(Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 01)

Promover autoestima

Outra semelhança encontrada entre os dois grupos de voluntários foi a promoção de autoestima do indivíduo apoiado por parte do voluntário. Os voluntários relataram ajudar o indivíduo a ter auto cuidado e a sentir-se melhor com ele próprio. Para promoverem este bem-estar, os voluntários identificaram o reconhecimento das limitações dos indivíduos, a dignificação e o carinho como facilitadores.

“[...] acho que é essencialmente isso, é ajudar as pessoas a sentirem-se melhor com elas próprias.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntária 04)

“[...] nós temos que ter a capacidade para saber dar a volta à situação, para perceber as limitações da pessoa, de forma a ajudá-la a, a ter algum cuidado extra para consigo.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntária 04)

“Às vezes são coisas simples como literalmente levar amor a estas pessoas e levar amor é mostrar a estas pessoas que elas contam, há pessoas que dizem “nunca ninguém me olhou nos olhos como vocês nos olham, com respeito” e isto é doloroso de ouvir mas de facto nós sabemos que podemos fazer a diferença.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 31)

“[...] muitas vezes e também para lhes elevar autoestima, fazê-los perceber que eles também são dignos de uma vida porque, como estava a dizer, eles são ostracizados, são muito catalogados e, portanto, muitos deles pensam que a vida acabou e a vida não acabou.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 14)

Preparar para a reinserção social

Houve uma concordância entre os grupos de voluntários no que respeita à preparação do indivíduo para a reinserção na sociedade. Os participantes consideraram a sua interação com os indivíduos como um “treino” de práticas sociais e um momento de interiorização das regras da sociedade. Os voluntários em estabelecimentos prisionais mencionaram que esta orientação também era estendida para fora do contexto prisional.

“Primeiro porque a pessoa para ser inserida na sociedade tem que estar com pessoas primeiro, não é? E o voluntário acaba por ser um treino para estar com

peessoas diferentes que não conhece de lado nenhum, e ahm, e também pode ser uma ajuda.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntário 01)

“[...] inserir fá-la sentir-se como um elemento de uma família, não é? [...] faça sentir que tem uma amiga, uma irmã, um irmão, um primo [...] vai ajudar também a ver que é capaz de produzir e fazer alguma coisa pela sociedade.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntária 05)

“[...] e, portanto, é esta a sociedade que temos e elas têm que perceber que estas são as nossas regras e que isso é bom para elas, seguirem as regras que a sociedades lhes impõe mesmo que não entendam. É perceber que não podemos sempre atuar como sendo pessoa isoladas, nós vivemos em sociedade e é um bocadinho isso, ensiná-las a viver em sociedade.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 31)

“[...] não só dentro da cadeia como já tem acontecido, também fora numa perspetiva de orientação, orientá-los para uma vida cá fora, uma vida social, para readaptá-los a toda uma vida do quotidiano [...] Este apoio fora é muito importante e que não existe ou que existe muito pouco, só para alguns. Este entrar de novo na sociedade é muito difícil para eles porque saem com uma nódoa negra na sua vida [...]” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 01)

Vigilância de mudanças na saúde mental VS Discrição e evitamento de discussões legais

Enquanto os voluntários em saúde mental se focaram na vigilância de mudanças na saúde mental, identificando alterações comportamentais no indivíduo, tais como isolamento, revolta e agressividade, os voluntários em estabelecimentos prisionais consideraram importante na sua abordagem a discrição e o evitamento de discussões legais. Estes últimos afirmaram não quererem saber o crime que o indivíduo cometeu de modo a evitar mais julgamentos sobre o indivíduo apoiado.

“[...] estarmos atentos aos comportamentos de quem está mais isolado, de quem apresenta algum sinal de depressão, de quem está mais irritado, quem está mais revoltado, agressivo, quem não vem ter connosco e vamos nós ter com eles. Sempre respeitando o, o espaço.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntária 05)

“Para já porque é um contexto difícil e pesado, depois porque é preciso saber fazer esta separação emocional e nem toda a gente consegue fazê-lo, o bom senso, a capacidade de saber escutar, [...] tentar não falar sobre os processos, ter maturidade, ter assiduidade, continuidade, sentido de compromisso [...]”. (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntário 39)

“[...] uma coisa é que nós nunca perguntamos, não queremos saber o crime da pessoa porque a pessoa já está ali, já está a cumprir a sua pena, não precisamos de colocar mais um rótulo.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 21)

Relação de voluntariado e o seu impacto

Incertezas e receios nas primeiras interações

Ambos os grupos de voluntários fizeram referências às incertezas e receios nas primeiras interações. Estes sofreram um choque inicial por se depararem com problemas aparentemente sem solução ou menos acessíveis que os deles. Identificaram ser necessário ter formação uma vez que não sabiam como lidar, nem o que esperar de certas situações e indivíduos. Os participantes consideraram que os sentimentos iniciais foram desaparecendo dando espaço a uma interação espontânea e a um bom acolhimento vindo dos indivíduos apoiados.

“E formação, sim, isso sim, acho que é importante, porque, lá está, eu não faço a mínima ideia de lidar com essas pessoas...” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntária 04)

“Eu concordo também com aquilo que já foi dito, acho que é uma área muito específica, se calhar não existem muitas pessoas treinadas para isso. Porque, lá está, não sabemos como lidar com a maior parte das situações.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntária 02)

“E nós vemos problemas que não têm solução. Ou pelo menos, não tão acessíveis como alguns dos nossos problemas, isso foi acho que a coisa que mais me chocou na primeira saída.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntária 03)

“[...] na primeira vez que entrei confesso que pensei “o que é que eu vou encontrar?”
(Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 10)

“Ao princípio entrei na cadeia um bocado com medo, eles pregaram me algumas partidas, deixaram-me sozinha numa cela cheia de reclusos, faz parte assim da praxe, mas rapidamente percebi que estava num sítio onde me senti muito respeitada e muito querida.” **(Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 14)**

“[...] como foi a primeira vez que tinha posto o pé no estabelecimento prisional, nunca tinha tido contacto, também estava um pouco assustada “vou ser uma mulher a fazer uma atividade sozinha só com jovens rapazes”, mas afinal, desde o começo foi tudo muito espontâneo [...]” **(Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 32)**

Relação próxima e empática entre voluntários e os que são apoiados

Participantes de ambos os grupos também concordaram que mantinham uma relação positiva, próxima, empática e desprovida de preconceitos com os indivíduos apoiados, e inclusive, alguns participantes consideraram que tinham uma relação de amizade com os indivíduos apoiados. Mencionaram que os limites eram impostos até onde os voluntários queriam, sendo que alguns deles optavam por utilizar os nomes próprios dos indivíduos apoiados para promover uma abordagem respeitosa.

“Eu acho que acaba no final de haver propriamente, ou melhor, o limite está, até onde nós queremos, porque de nós, mantermos uma relação de afetividade muito grande com alguns, é uma questão de empatia ou não [...]” **(Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntária 06)**

“[...] eles gostam de nós, nós também gostamos, e criamos uma empatia, e damos bem, não sabemos bem até porquê, mas há casos que eu acho que é necessário termos alguma, algum conhecimento, da, da doença, do que é que pode acontecer com aquela pessoa de repente, porque há doenças que de um momento para o outro pode a pessoa alterar a personalidade, a maneira de falarmos com ela, de qualquer coisa, pode desencadear uma reação não muito boa.” **(Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntária 05)**

“[...] há uma frase que nós gostamos de usar que é “Nós somos o amigo que chega quando todos os outros se vão embora [...]” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 07)

“[...] é uma relação de cumplicidade que elas acabam por nos conhecer e elas também estão desposadas e qualquer preconceito em relação a nós, somos ali pessoas que estão ali para ajudar e pronto, é bastante positivo.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 10)

“[...] eu com elas é uma relação de proximidade, faço questão de tratá-las pelo nome e que elas me tratem pelo nome e que sejam exatamente como nós, porque é isso que elas realmente são.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 15)

Maior recetividade para os voluntários comparativamente com outros

Ambos os grupos concordaram que os indivíduos demonstravam uma maior recetividade para voluntários comparativamente com outros indivíduos. Os participantes mencionaram que eram vistos como pessoas externas ao sistema e imparciais e que por isso, os indivíduos se sentiam mais confortáveis em desabafar e partilhar dificuldades. Além disso, referiram que mantinham em sigilo o que os indivíduos lhes contavam.

“Não aceitamos tão bem uma opinião de um familiar ou de um amigo, se calhar se for uma pessoa que não nos é nada diretamente acaba por nos fazer a companhia [...] acaba por conversar muito mais, do que se calhar, há coisas que diz ao voluntário mas que não diz ao pai [...]” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntária 02)

“[...] eles também nos viam como pessoas de fora que eles podiam trocar ideia, desabafar um pouco, falar das dificuldades que eles tinham [...]” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntário 28)

“[...] há uma necessidade muito grande do lado de lá em falar porque nós não pertencemos ao sistema prisional e portanto, sabem que aquilo que nos contam fica connosco.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 35)

Crescimento pessoal do voluntário

O crescimento pessoal do voluntário foi outra perspectiva em comum entre os dois grupos de voluntários. Os participantes descreveram a experiência de voluntariado como gratificante. Mencionaram que se enriqueceram não só a nível pessoal, mas também noutras áreas da vida. Também referiram que adquiriram competências diferenciadoras e consciencialização da existência de realidades diferentes do seu contexto.

“E acho que voluntariado até nos enriquece interiormente muito.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntária 03)

“[...] mas no fundo eu achei gratificante, porque elas ao vir ter comigo, elas queriam saber, eu notava que eles queriam aprender, mesmo sem conseguir-se expressar e falar, eu via através do olhar deles que eles queriam mexer naquilo que eu estava a mexer [...] foi sim gratificante, e queria voltar a repetir fazer o mesmo, essas oportunidades.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntário 07)

“Agora humanamente acrescenta claro conhecimento humano, jogo de cintura, uma série de coisas, acrescenta uma série de... aprendo com isso enquanto pessoa e calculo que isso tenha maior valia sempre na pessoa que eu sou enquanto profissional na minha área, enquanto filha, irmã, mulher, o que seja. Eu acho que em todos os campos na minha vida, não tenho dúvida nenhuma que me acrescenta imenso valor o contacto com isso porque percebo que a minha realidade é menos, não é a única e sabe-se sempre muito como qualquer experiência que fora do seu contexto [...] qualquer experiência de voluntariado com uma realidade mais difícil do que a nossa, forma pessoas mais conscientes, mais atentas, profissionais de qualquer área [...] são valências que têm sempre imenso fruto para qualquer profissional, para qualquer pai ou mãe de família, para qualquer pessoa. Em imensas frentes e isso eu observo bastante que essas experiências traduzem-se em competências reais e diferenciadoras para o voluntário e para qualquer cidadão.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 25)

Relativização por parte do voluntário

A relativização por parte do voluntário foi outra similaridade constatada entre os dois grupos de voluntários. Os participantes viam o voluntariado como uma forma de abstração dos seus problemas. Consideraram que com a interação com os indivíduos, expandiram e mudaram perspetivas, consciencializaram-se das diferentes realidades existentes, relativizaram alguns problemas e desconstruíram crenças pré-existentes.

“[...] também acho que há vários voluntários que passam por, por uma fase de depressão, e quase todos dizem que é muito bom ir para a rua e ajudar outros, porque se calhar entendem melhor os problemas que um e outro está a passar, e para eles até é uma forma de, de ultrapassar, de não pensarem no seu problema, e pensarem nos outros.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntária 05)

“[...] deu soluções diferentes para um problema que eu poderia achar que a minha solução era a única portanto foi mais a consciencialização que na saúde mental como, e no voluntariado realmente a, tomar consciência mesmo das dificuldades e dos problemas que há, e também das soluções.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntária 06)

“Aliás, ir à cadeia muda-nos as perspetivas de olhar das outras pessoas, toda a gente... muda a perspetiva com o recluso, muda a maneira como olhamos para eles como homens, já não é um homem que roubou e que matou. Já é uma pessoa, um ser humano muito mais complexo, com coisas boas [...]” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 14)

“Uma das principais mais-valias é perceber que os nossos problemas não são assim tão graves quando se ouvem as histórias de alguns dos reclusos, portanto esta relativização dos nossos problemas, a desconstrução desta realidade, a diminuição de preconceitos, a capacidade de saber escutar, a capacidade emocional [...]” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntário 39)

“Mais valias é acordar-me para a realidade, é chamar-me à atenção para o contexto em que eu vivo não é o único que existe, que há outros contextos sociais e económicos, espirituais, afetivos, morais, religiosos até, são muito diferentes dos meus e portanto, chama-me à atenção para o facto da realidade ser mais complexa do que aquela realidade que eu experimento todos os dias.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntário 16)

Auxílio prático em atividades da vida diária VS Apoio existencial através da religião

Foram encontradas diferenças nas interações dos dois grupos de voluntários com os indivíduos apoiados. Na saúde mental, os voluntários descreveram exercer atividades de auxílio prático na vida diária, tal como, ajudarem nas refeições, preenchendo outras lacunas no dia a dia dos indivíduos. Os voluntários dos estabelecimentos prisionais referiram que a sua atividade se focava em suprir necessidades emocionais e existenciais através da religião e de dinâmicas mais interativas.

“Nós não estamos ali só a dar a refeição. Nós estamos às vezes a completar aquilo que eles não têm de segunda a sexta [...]” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntária 04)

“[...] elas têm um outro tipo de grupos lá que são religião, mais interativos, têm a missa... nós voluntárias da Foste Visitar-me, é só mesmo este tipo de voluntariado.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 05)

Aprender sobre doença mental VS Familiarização com o ambiente prisional

Relativamente à aprendizagem por parte dos voluntários verificaram-se diferenças entre os grupos de voluntários. Em saúde mental, os voluntários focaram-se no conhecimento sobre as doenças mentais, o que lhes permitiu compreender melhor a mente humana e os seus problemas. Nos estabelecimentos prisionais, os voluntários focaram-se no conhecimento e familiarização com o ambiente prisional - descreveram o ambiente prisional como pesado e complexo e mencionaram não saber como era esta realidade até se voluntariarem.

“[...] acho que ia ter uma noção completamente diferente da mente humana a partir do momento que eu soubesse alguma coisa sobre os problemas que a mente humana pode sofrer, não é?” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntário 01)

“[...] é um ambiente muito especial, muito pesado, muito tenso, onde há muita gente da idade dos meus filhos, onde há gente da minha idade ou mais velho do que eu e onde estão pessoas que estão completamente abandonadas... e, portanto, eu não sabia disso antes de aderir.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntário 03)

Desafios enfrentados pelos voluntários

Observar resultados significativos do apoio dos voluntários

Para ambos os grupos de voluntários, a observação de resultados significativos e diretos do apoio que prestaram foi o grande desafio. Os participantes mencionaram também que manter o interesse dos indivíduos, fazer com que eles compreendessem o papel do voluntário e que aceitassem ajuda foram algumas das barreiras enfrentadas. Consideraram ainda, que suprir as necessidades dos indivíduos e proporcionar-lhes resultados positivos foram outros dos desafios encontrados.

“[...] conseguir chegar até ao doente de saúde mental e realmente suprir as suas necessidades básicas, conseguir que ele percebesse, perceber ele também se, se ele via os meus fins, e que ele também se, no fim, se sentisse melhor [...]” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntária 03)

“[...] se nós vemos que a outra pessoa não está contente com a nossa ajuda é um bocado frustrante para nós, nós estamos a tentar ajudar e não vemos que estamos a ajudar, estamos a piorar a situação, e isso não é muito, não é muito bom para nós.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntária 04)

“Acho que é muito difícil por exemplo, manter o interesse deles porque eles não vêem os resultados diretos [...] manter o interesse dessas pessoas e realmente mostrar para que serve o nosso, mostrar para que servimos nas vidas deles, mostrar o nosso papel, eu acho que é esse o grande desafio.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 30)

“Os desafios, o desafio é este de conseguir tirar resultados positivos de situações que à partida são negativas.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntário 33)

Cuidado dos voluntários para com os indivíduos apoiados

Ambos os grupos de voluntários, ao longo das interações, consideraram o cuidado e a preocupação com os indivíduos apoiados um desafio. Estes mencionaram terem adquirido uma responsabilidade acrescida e constante preocupação em dar o seu melhor, acompanhando e proporcionando qualidade de vida ao indivíduo apoiado.

“[...] é chegar até ele, perceber se consegui realmente dar-lhe algum conforto, dar-lhe uma melhor qualidade de vida.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntária 03)

“[...] o desafio do que podemos fazer realmente por estas pessoas porque agora sim temos uma responsabilidade acrescida que é elas vêm parar às nossas mãos e depois temos esta preocupação de as ir acompanhando.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 31)

“[...] é conseguir ter ânimo para ir sempre cheia de esperança porque há muita recidiva e às vezes, eu já fiquei muito frustrada, pessoas que apostei e que depois recaiu [...]” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 14)

Desconstruir o estigma e sensibilizar a sociedade

A desconstrução do estigma e o apelo à sociedade para a mudança da opinião pública foi outro desafio referido pelos dois grupos. Os participantes relataram que os indivíduos eram associados a bichos raros - animais no que diz respeito à forma de pensamento - e também vistos como objetos de estudo. Além disso, mencionaram a crença social de que estes eram indivíduos descuidados. Afirmaram que o desafio mais notável foi tentar mudar a mentalidade da sociedade e sensibilizá-la de que, acima de tudo, eram seres humanos e mereciam ser tratados com dignidade.

“[...] interpretar o pensamento da pessoa, da pessoa com deficiência mental é uma pessoa como se fosse um animal, que não pensa a 100% como nós, não é?” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntária 03)

“O meu maior desafio é antes disso tudo, conseguir fazer a quem de direito, chegar a fazê-los entender que a saúde mental e os sem-abrigo são seres humanos com que merecem toda a dignidade e não respostas de pessoas que vêm de centros comunitários, terapêuticos e que lhes é colocada a questão, ou isto ou rua, não há hipótese, porque o Estado já gastou muito dinheiro consigo.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntária 01)

“[...] outra coisa é a sociedade, eles saem já com um rótulo e o registo criminal não se apaga de um dia para o outro, hoje toda a gente quer pedir o registo criminal e o registo criminal vem lá e quando vem lá, a sociedade não os aceita e quando os

aceita, já apanhamos alguns que foram aceites mas depois quando algumas pessoas da sociedade sabem que há um ex-recluso ou ex-reclusa põem a vida negra.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 34)

“Normalmente as pessoas imaginam um cenário, elas todas com péssimo aspeto, elas todas degradadas. E ali, uma pessoa encontra de tudo, há muitas que são exemplo que é no dia-a-dia elas arranjam-se põem-se direitinhas, aprumam-se todas e há pessoas licenciadas, advogadas, agentes de execução.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 02)

“[...] acho que também muita gente vai lá e que vão já com aquela de observar quase como se fossem uns bichos raros, vão lá para ver mas elas são pessoas normalíssimas como nós, mas vão lá fazer tantos estudos, tantos estudos que elas às vezes dizem “oh meu deus, tudo parece que nos quer estudar, parece que somos uns animais que estamos numa jaula e que toda a gente vem cá fazer perguntas”. ” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 15)

“Há uma coisa que eu digo muitas vezes que é colocar o Estado de Direito nas prisões, o direito fica à porta das prisões [...] Portanto, nas prisões não se tem conseguido mudar e avançar a humanização porque todos os partidos representados na Assembleia da República têm medo de avançar com qualquer iniciativa porque têm a convicção de que vão ser penalizados eleitoralmente. [...] maior desafio é exatamente este de mudar a opinião pública porque o poder político está sensível.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntário 20)

Dificuldades em lidar com as pessoas com doença mental VS Confronto com o meio prisional como violento

Relativamente aos desafios enfrentados foram encontradas diferenças nos dois grupos de voluntários. Na saúde mental, os voluntários afirmaram ter dificuldades na compreensão, na abordagem e na definição do estado mental do indivíduo apoiado. Já nos estabelecimentos prisionais, os voluntários consideraram a adaptação ao meio prisional como um desafio por ser um ambiente complicado, violento e com circunstâncias diferentes das habituais.

“Ou seja, o mundo deles é diferente do nosso, nós não conseguimos se calhar fazer, se calhar nem sequer é fisiológico para nós conseguir perceber o que é que aquela pessoa está a pensar naquele momento [...]” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntário 01)

“Quando lidei com pessoas com, com deficiência mental, fez-me um bocado de confusão a maneira como elas vinham ter comigo [...]” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 02, Voluntário 07)

“[...] muitas vezes eu não tenho a perceção se a pessoa está no seu juízo [...]” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntária 02)

“[...] a adaptação ao meio prisional em si, acho que é um desafio muito grande [...]” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 37)

“[...] eu acho que tudo no contexto prisional é um desafio, primeiro porque não somos psicólogos, segundo porque estamos a lidar com gente, com pessoas em circunstâncias completamente diferentes das nossas.” (Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntário 33)

Vergonha e abandono das pessoas com doença mental VS Foco no crime cometido pelo recluso

Outro tópico de discrepância entre os voluntários foi no domínio da saúde mental, os voluntários mencionaram que se presenciava vergonha por terem um indivíduo com doença mental a seu cargo, sendo que a tendência era ocultarem esse facto ou interná-lo num hospital psiquiátrico. Já no contexto prisional, os voluntários mencionaram que o foco era no crime cometido pelo indivíduo e não no indivíduo em si, isto é, julgava-se a pessoa pelo crime que cometeu.

“Antigamente até tinham vergonha, as pessoas que tinham deficiências em diferentes até tinham vergonha de ter alguém deficiente em casa, algum familiar deficiente pegavam neles e punham no Conde Ferreira, Hospital Conde Ferreira, agora já não é, no Conde Ferreira, é no Magalhães Lemos. E depois até abandonavam-nos porque tinham vergonha que a sociedade sabia que eles tinham pessoas deficientes. Deficientes mentalmente, mental.” (Grupo Focal de Voluntários em Saúde Mental 01, Voluntária 03)

“Olha-se muito para o crime que a pessoa cometeu e não para a pessoa.”
(Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntário 16)

“A pior foi essa está bem clara. Foi com um pedófilo, percebe que eu aí não consegui ultrapassar porque eu disse que tinha um rapaz e ela disse que tinha um rapaz também, da mesma idade e esse pedófilo perguntava-nos sempre “E os meninos?” e depois começou-nos a mostrar a fotografia do afilhado que dormia com ele e que lhe dava uma corrente de ouro e que nós aí, quase que fugíamos dele porque eu acho a pedofilia uma doença horrível, uma perversão horrível, crianças em risco e aí eu perco um bocado aquele de tudo... [...]” **(Entrevista aos Voluntários em Estabelecimentos Prisionais, Voluntária 14)**

Discussão

Resultados principais

Este estudo mostrou semelhanças nas visões dos voluntários em saúde mental e nas prisões, embora com algumas distinções notáveis. O tema que exibiu a maior disparidade entre os voluntários foi a “Motivação e características do voluntário”, enquanto o “Papel do voluntário” apresentou a menor discrepância.

Embora ambos os grupos de voluntários partilhem motivações em comum para o voluntariado, surgiram diferenças distintas. Alguns voluntários em saúde mental mencionaram o reconhecimento social e status como motivação, enquanto os voluntários em estabelecimentos prisionais enfatizaram o crescimento pessoal e exploração de uma vertente desconhecida.

Uma das principais diferenças encontradas está relacionada com as características e habilidades necessárias para desempenhar o papel de voluntário. Essa diferença refletiu um maior cuidado no processo de seleção dos voluntários em estabelecimentos prisionais dado o contexto de maior risco. Os voluntários neste contexto devem apresentar maturidade e distanciamento emocional, enquanto na saúde mental, a ênfase é na disponibilidade, paciência e empatia do voluntário.

Ambos os grupos de voluntários enfatizaram a importância da formação e do conhecimento específico na área para lidar com estas populações. No entanto, as atividades realizadas com os indivíduos e as aprendizagens adquiridas pelo voluntário variaram consideravelmente. Enquanto em saúde mental, as atividades se concentraram em práticas da vida diária, vigilância de mudanças na saúde mental e aprofundamento do conhecimento sobre a mente humana e os seus problemas, nos estabelecimentos prisionais, o foco foi atender às necessidades emocionais e existenciais dos reclusos e familiarizar-se com o ambiente prisional.

O início das interações de ambos os grupos de voluntários com os indivíduos apoiados foi marcado por medo e receio. Conforme as relações se desenvolveram, surgiu uma conexão positiva e compassiva e, em alguns casos, até mesmo amizades. No entanto, os voluntários em saúde mental enfrentaram dificuldades em lidar com os indivíduos apoiados, enquanto os voluntários em estabelecimentos prisionais apresentaram dificuldades na adaptação ao ambiente prisional.

Ambos os grupos de voluntários, na sua atuação, recorreram a uma abordagem humanitária, contudo, apresentaram características distintas. A abordagem na saúde mental foi caracterizada pela sua flexibilidade, enquanto nos estabelecimentos prisionais a abordagem foi mais cautelosa, limitada e regulamentada, priorizando a discrição, sigilo e evitamento de discussões legais.

Os voluntários em saúde mental e nos estabelecimentos prisionais reconheceram a importância que tiveram na vida dos indivíduos apoiados e relataram que também receberam um impacto positivo nas suas vidas.

Ambos os grupos compartilharam a percepção da necessidade de combater o estigma social e sensibilizar a sociedade. Não obstante, enquanto o estigma na saúde mental se focou na vergonha associada à doença mental, nos estabelecimentos prisionais o foco foi o repúdio pelo crime cometido pelo indivíduo.

Pontos fortes e limitações

Este estudo corresponde à primeira comparação das percepções de voluntários em saúde mental e de voluntários em estabelecimentos prisionais, o que é um ponto forte pela sua inovação. A amostra foi diversificada em termos de idade, profissão e experiência em voluntariado o que permitiu uma diversidade nas perspectivas.

No entanto, este estudo tem algumas limitações. Primeiro, o número de voluntários em saúde mental foi relativamente reduzido (12 participantes) comparativamente com o número de voluntários em estabelecimentos prisionais (39 participantes). Além disso, a maioria desses 12 voluntários não possuía experiência direta de voluntariado na área, o que pode ter enviesado as percepções obtidas, o que limita a generalização dos resultados.

Comparação com outra literatura

Neste presente estudo, ambos os grupos de voluntários destacaram a solidariedade e a influência do contato com outros voluntários como fatores motivacionais. Estas motivações corroboram resultados de estudos anteriores, onde os voluntários demonstraram motivações de natureza altruísta, desejo de contribuir para causas sociais, sentido de responsabilidade social e influências advindas de recomendações ou inspirações originárias de terceiros (Carvalho et al., 2021; Cassidy et al., 2019; Chui & Cheng, 2013; Costa & Oliveira, 2023; Hallett et al., 2012; Klug et al., 2018; Lisa et al., 2014; Sundram et al., 2018; Tewksbury & Dabney, 2004; Toner et al., 2018; Wu et al., 2023). No entanto, neste estudo, os voluntários em saúde mental também mencionaram o desejo de adquirir reconhecimento e status social como uma motivação para o voluntariado. Esta motivação foi previamente identificada numa revisão sistemática, na qual os voluntários em saúde mental manifestaram obter reconhecimento e aprovação social através do seu envolvimento no voluntariado (Carvalho et al., 2021). Os voluntários em estabelecimentos prisionais deste estudo, por sua vez, revelaram motivações centradas no crescimento pessoal e na saída da zona de conforto, tal como foi observado numa revisão sistemática, onde os voluntários mencionaram motivações similares, incluindo a disposição de enfrentar situações desconfortáveis (Wu et al., 2023).

No que diz respeito ao perfil dos voluntários em estabelecimentos prisionais, neste estudo, predominaram voluntários do sexo feminino, um resultado consistente com os encontrados num estudo em Hong Kong e numa revisão sistemática (Chui & Cheng, 2013; Toner et al. 2018). Além disso, os voluntários deste estudo apresentaram uma idade média de 53.3 anos e, na maioria dos casos, altos níveis escolaridade. Estas características foram encontradas num estudo numa prisão de segurança média no estado do sul e numa revisão sistemática, onde os voluntários em estabelecimentos prisionais eram, em média, de meia-idade e frequentemente possuíam níveis de escolaridade elevados (Tewksbury & Dabney, 2004; Wu et al., 2023). Em relação às características do voluntário em estabelecimentos prisionais, esta pesquisa identificou a importância de características como flexibilidade, neutralidade, atenção, assiduidade e capacidade de manter distanciamento (emocional). Da mesma forma, num estudo no estado do centro-oeste, observou-se que os voluntários em estabelecimentos prisionais também precisavam de demonstrar maturidade, estabilidade emocional, flexibilidade, capacidade de manter distanciamento emocional e capacidade de vigilância de comportamentos manipuladores (Lisa et al., 2014; Vicente et al., s.d.).

Em ambos os grupos de voluntários, este estudo revelou atitudes e comportamentos positivos em relação às duas populações estudadas, em consonância com resultados de uma revisão sistemática da literatura, que identificou atitudes e comportamentos favoráveis dos voluntários em relação às pessoas com doenças mentais (Hallett et al., 2012). Além disso, um estudo conduzido em Hong Kong concluiu que tanto os voluntários em geral como os voluntários em estabelecimentos prisionais exibiram atitudes mais positivas em comparação com indivíduos que não participavam em atividades voluntárias (Chui & Cheng, 2013).

Neste estudo, tanto os voluntários em saúde mental como os voluntários em estabelecimentos prisionais relataram sentimentos de medo e apreensão nas primeiras interações com os indivíduos apoiados. Essa reação foi consistente com outros estudos, incluindo um na Colômbia e uma revisão sistemática, nos quais os voluntários descreveram sentimentos de receio e nervosismo ao abordar os indivíduos com doença mental (Botero-Rodriguez et al., 2021; Hallett et al., 2012). Num estudo no Canadá, os voluntários em estabelecimentos prisionais também manifestaram apreensão e ansiedade nas primeiras interações com os reclusos (Duncan & Balbar, 2008).

No que concerne à dinâmica entre o voluntário e o recluso, este estudo, identificou que os reclusos depositavam uma maior confiança nos voluntários em comparação com outros indivíduos, considerando-os como indivíduos externos e imparciais. Esta conclusão está em concordância com os resultados de um estudo na Holanda e de um estudo em Portugal (Maat et al., 2016; Schuhmann et al., 2018; Vicente et al., s.d.).

De acordo com uma revisão sistemática, os voluntários perceberam o seu papel como positivo para as pessoas com doença mental, uma conclusão que também se verificou neste presente estudo (Hallett et al., 2012). O papel do voluntário em estabelecimentos prisionais neste estudo envolveu o combate ao isolamento dos reclusos, a promoção da sua autoestima e a preparação para a reinserção social, orientando-os para fora do contexto prisional. Estes resultados foram semelhantes aos encontrados num estudo na região do meio-oeste dos Estados Unidos, em Portugal e numa revisão sistemática, onde o papel do voluntário englobava o fornecimento de apoio e orientação aos reclusos, agindo como um elo de ligação com o mundo exterior, combatendo os estereótipos e promovendo relacionamentos saudáveis (Lisa et al., 2014; Vicente et al., s.d.; Wu et al., 2023).

Este estudo evidenciou que a prática do voluntariado resulta em benefícios substanciais tanto para os indivíduos apoiados como para os voluntários envolvidos. Esta percepção foi descrita anteriormente num estudo feito na Flórida e numa revisão sistemática

(Cochran, 2012; Hallett et al., 2012). Após a sua experiência de voluntariado, ambos os grupos de voluntários expressaram gratidão por terem experimentado um crescimento não apenas a nível pessoal, mas também em outras dimensões da sua vida. Este crescimento manifestou-se na aquisição de competências e habilidades distintas, bem como no conhecimento de outras realidades que estimularam uma a revisão das suas perspetivas de vida e a um questionamento de crenças pré-existentes. Alguns desses benefícios convergem com os resultados de estudos anteriores, onde se destacaram a obtenção de novas competências e perspetivas, o crescimento relacional e pessoal, a expansão de horizontes, a valorização de aspetos específicos da vida, além de sentimentos de completude, realização, satisfação e recompensa, (Borgonovi, 2008; Carvalho et al., 2021; Cassidy et al., 2019; Costa & Oliveira, 2023; Costa et al., 2022; Hallett et al., 2012; Tewksbury & Dabney, 2004; Vicente et al., s.d.; Wu et al., 2023; Yeung et al., 2017). Além disso, este estudo ainda se demonstrou em concordância com os resultados de duas revisões sistemáticas que confirmaram que o voluntariado proporcionou aos voluntários a oportunidade de confrontar e reavaliar os seus preconceitos em relação às pessoas com doença mental (Hallett et al., 2012; Toner et al., 2018). Em outros estudos, na região do meio-oeste dos Estados Unidos e numa revisão sistemática, referiram que os voluntários em estabelecimentos prisionais adquiriram uma maior consciência dos desafios enfrentados pelos reclusos e conseguiram superar estereótipos pré-concebidos (Lisa et al., 2014; Wu et al., 2023).

Neste estudo, os voluntários em saúde mental enfrentaram desafios que envolviam compreender e lidar com os indivíduos apoiados. Essas dificuldades também foram observadas numa revisão sistemática, onde se destacaram as complexidades enfrentadas pelos voluntários ao dar resposta e lidar com a resistência dos indivíduos apoiados (Hallett et al., 2012). Paralelamente, os voluntários em estabelecimentos prisionais experimentaram desafios semelhantes aos encontrados num estudo no Estado do centro-oeste, no qual os voluntários se confrontaram com dificuldades em lidar com o recluso, incluindo a parte emocional, bem como com o processo de superação e revisão de perspetivas (Lisa et al., 2014). Adicionalmente, os voluntários em estabelecimentos prisionais que participaram neste estudo relataram desafios relacionados à adaptação ao ambiente prisional, que frequentemente se revela hostil e complexo. Esse desconforto e insatisfação em relação ao ambiente prisional foi também um desafio constatado numa revisão sistemática (Wu et al., 2023).

Implicações dos resultados para a prática e investigação futura

Este estudo ilustra as percepções acerca do voluntariado na saúde mental e em estabelecimentos prisionais. As diferenças encontradas entre as percepções dos dois grupos de voluntários podem ser atribuídas às naturezas distintas destas duas áreas de voluntariado e às necessidades específicas destas populações.

Algumas recomendações práticas que podem ter sido em conta para melhorar o voluntariado nestes contextos, designadamente:

- Promover uma maior divulgação do voluntariado em saúde mental e em estabelecimentos prisionais, de modo a angariar mais voluntários;
- Simplificar e flexibilizar os procedimentos de recrutamento, a fim de facilitar a adesão de voluntários;
- Investigar os padrões motivacionais dos voluntários uma vez que a motivação desempenha um papel crucial na influência dos comportamentos dos voluntários e na duração do seu envolvimento no voluntariado;
- Proporcionar formação específica para os voluntários, bem como uma supervisão mais rigorosa para garantir a qualidade das intervenções;
- Desenvolver e implementar estratégias de intervenção inovadoras visando melhorar o apoio prestado aos indivíduos apoiados em saúde mental e nos estabelecimentos prisionais;
- Melhorar os espaços onde decorre o voluntariado de modo a criar um ambiente semelhante ao da realidade exterior;
- Estabelecer ou fortalecer redes de apoio e de contacto com a comunidade externa, a fim de dar continuidade ao acompanhamento prestado nos estabelecimentos e facilitar a reinserção social do indivíduo apoiado;
- Promover uma mudança na percepção pública, envolvendo a sociedade diretamente na realidade do voluntariado, demonstrando transparência nas iniciativas de modo a reforçar o entendimento e empatia em relação aos indivíduos apoiados;
- Educar a sociedade para encarar os indivíduos como seres humanos, combatendo o estigma e enfatizando que não se deve focar na doença mental nem nos crimes cometidos, mas sim no indivíduo.

Com vista a melhorar a escassez de conhecimento nesta área do voluntariado em Portugal poderão ser tidos em consideração alguns tópicos de investigação, nomeadamente:

- Realizar avaliações dos programas de voluntariado já implementados, de modo a entender a sua eficácia e identificar falhas para posteriormente serem supridas;
- Investigar padrões de motivação para o voluntariado;
- Estudar as visitas voluntárias e os seus impactos quer no indivíduo apoiado, quer no voluntário;
- Elaborar estudos que incluam as perspetivas dos indivíduos que recebem voluntariado, as dos voluntários e as da sociedade em geral para se compreender e potencializar os benefícios e dinâmicas do voluntariado;
- Realizar estudos longitudinais para analisar o impacto do voluntariado ao longo do tempo;
- Explorar a influência dos animais de estimação na recuperação e reinserção social dos indivíduos apoiados.

Conclusões

Este estudo estabeleceu uma análise comparativa das percepções de voluntários em saúde mental e de voluntários em estabelecimentos prisionais, abrangendo uma variedade de tópicos, incluindo, as características, motivações e o papel do voluntário, a relação de voluntariado e o seu impacto, bem como os desafios enfrentados pelo voluntário.

Os resultados deste estudo evidenciaram atitudes positivas por parte dos voluntários em relação aos indivíduos apoiados, sendo que inclusivamente algumas relações se desenvolveram para uma amizade. Tantos os voluntários em saúde mental, como os voluntários em estabelecimentos prisionais relataram ter recebido um impacto positivo nas suas vidas. Além disso, enfatizaram a importância de formação e de conhecimento específico na área de atuação.

No entanto, os resultados deste estudo destacaram a necessidade de características e habilidades específicas para os voluntários de cada um destes contextos. Alguns dos voluntários em saúde mental eram motivados pelo desejo de obter reconhecimento social, enquanto que os voluntários em estabelecimentos prisionais tinham o crescimento pessoal como fator motivacional. As abordagens de ambos os grupos de voluntários foram diferenciadas, na medida em que na saúde mental a abordagem é flexível, enquanto que nos estabelecimentos prisionais a abordagem é mais cautelosa e regulamentada. As atividades e as aquisições de conhecimento apresentaram variações entre os dois contextos de voluntariado.

Para uma compreensão mais aprofundada das implicações destes resultados, estudos futuros poderiam considerar a utilização de uma amostra mais ampla de voluntários em saúde mental e em estabelecimentos prisionais.

Os resultados deste estudo permitem não só um maior conhecimento nestas áreas de voluntariado, como uma sensibilização da sociedade para a importância do voluntariado na redução do estigma social e na promoção de uma melhor saúde geral quer dos indivíduos apoiados, quer dos voluntários.

Apêndices

Apêndice 1 | Temas, Subtemas e Citações

	Voluntariado em Saúde Mental	Voluntariado nos Estabelecimentos Prisionais
	Motivação e características do voluntário	
Semelhanças	Solidariedade e vontade de ajudar	
	<i>“[...] só gosto de pessoas felizes à minha volta [...] Porque gostamos de ver um país mais bonito [...] mais feliz, que não haja tanta ruindade, tanta humilhação.”</i> (Grupo Focal 01, voluntária 03)	<i>“Eu sempre senti que nós devíamos encontrar uma forma de participar na sociedade e apoiar as pessoas e sempre tive alguma tendência para olhar para as pessoas que estavam à nossa volta.”</i> (Entrevista, voluntário 03)
	<i>“É um instinto, eu acho que é um instinto de a gente ajudar, não é?”</i> (Grupo Focal 01, voluntária 03)	<i>“[...] acho que passou um bocado por aí, por esta necessidade de querer nem que seja melhorar um bocadinho da vida das pessoas.”</i> (Entrevista, voluntária 37)
	Influência do contacto com outros voluntários	
	<i>“Uma amiga que me disse uma vez eu fui fazer, eu também fui para o voluntariado por uma questão muito pessoal, porque a minha madrinha era voluntária num grupo [...] nós</i>	<i>“Eu aderi ao programa porque tive um ou dois amigos que faziam esse tipo de trabalho e que eu admirava por fazerem esse tipo de trabalho e pensei “se calhar eu era capaz de fazer esse tipo de trabalho””</i>

depois vamos passando palavra, e há muita gente a dizer eu quero ir contigo, quero experimentar [...]

(Grupo Focal 02, voluntária 06)

(Entrevista, voluntário 03)

Flexibilidade e neutralidade do voluntário

“[...] o voluntário deve ser um ser adaptável e um profissional adaptável também, nós devemos tentar conciliar ao máximo todas as nossas competências.”

(Grupo Focal 02, voluntário 2)

“[...] agir com ela um bocado diferente, com outros cuidados, que não teríamos com as outras [...] e ao mesmo tempo tentar ter o tal cuidado de ela não se aperceber que nós estávamos a tratá-la de forma diferente para ela não se sentir diferente.”

(Grupo Focal 01, voluntário 01)

“[...] temos que permanentemente para fazer um esforço para não julgar o outro que está à nossa frente. Isso eu acho que é uma coisa que é primordial que é não permitir qualquer julgamento das pessoas.”

(Entrevista, voluntária 36)

“Eu adequo sempre a minha forma de estar à pessoa [...]”

(Entrevista, voluntário 20)

Compromisso do voluntário

“[...] independentemente de todos os nossos problemas, temos é que nos predispor e dizer ok, isto é para ser levado a sério [...] concordo que ser voluntário uma vez ou ser voluntário é diferente, não é a mesma coisa [...]”

(Grupo Focal 02, voluntária 6)

“Eu pessoalmente, tento fazer os possíveis para não faltar porque não gosto de faltar a compromissos e isto é um compromisso que requer sempre alguma continuidade, assiduidade porque eles também ficam à nossa espera e se não formos estão a contribuir para a desilusão, desapontamento e não queremos isso porque o pouco da confiança e da ligação que se vai criando aos pouquinhos, pode acabar por se perder.”

(Entrevista, voluntária 38)

“[...] não é ir fazer um ano e depois deixar de fazer porque sim, há relações que se estabelecem e enquanto para nós o tempo passa rápido e temos várias distrações, para eles não.”

(Entrevista, voluntária 39)

Diferenças

Aquisição de status social

“[...] muita gente também quando faz voluntariado às vezes é mais por uma, por uma questão de título do que, mesmo para fazer voluntariado.”

(Grupo Focal 01, voluntário 01)

Crescimento pessoal

“Ali achei que era uma vertente que eu estou habituada a conversar, a ouvir pessoas e que... era uma vertente que eu não conhecia e que se calhar ajuda um bocado a pessoa a crescer interiormente, a não ter os julgamentos tão radicais [...]”

(Entrevista, voluntária 02)

Necessária paciência no voluntário

“Ou seja, o mundo deles é diferente do nosso, nós não conseguimos se calhar fazer, se calhar nem sequer é fisiológico para nós conseguir perceber o que é que aquela pessoa está a pensar naquele momento, ou está a ver, está a experienciar, pronto, e lá está, uma pessoa tem que ter paciência, acho eu, mais do que encontrar a empatia é, é a paciência [...]”

(Grupo Focal 01, voluntário 01)

Necessário manter um certo distanciamento

“[...] eu sempre os tratei por tu, mas não lhes dou muita abertura para que me tratem por tu, há aqui alguns distanciamentos que nós devemos assegurar, nós não somos os melhores amigos deles numa perspetiva de estamos ali para lhes dar abraços. Não, nós estamos ali para lhes fazer companhia, para conversar com eles e para ajudar na medida do possível principalmente quando eles vêm cá para fora.”

(Entrevista, voluntário 03)

	Qualquer um pode ser voluntário	Capacidades específicas para se ser voluntário
	<i>“Todos podem, todos podem abraçar a nossa causa, todos podem abraçar o voluntariado, mas depois nós, principalmente as administradoras de grupo, também têm que estar atentos ao comportamento dos voluntários.”</i> (Grupo Focal 02, voluntária 6) <i>“[...] acho que a oportunidade deve de ser estendida a todo, a todas as pessoas que têm disponibilidade para o fazer [...]”</i> (Grupo Focal 01, voluntária 4)	<i>“[...] há que ter alguma atenção, alguma maturidade, alguma assiduidade, continuidade, distanciamento emocional, bom senso e nem toda a gente tem essas características [...]”</i> (Entrevista, voluntária 38) <i>“Portanto, eu penso que as pessoas nem todas se calhar terão características pessoais para serem capazes de não se envolverem e de serem voluntários [...]”</i> (Entrevista, voluntária 36)
	Papel do voluntário	
Semelhanças	Combater o isolamento	
	<i>“É muitas vezes tentar combater aquela barreira que há entre a solidão e o resto de todo o grupo, e o resto de quase toda a sociedade.”</i> (Grupo Focal 02, voluntária 05) <i>“Ganham companhia, isso também é uma boa coisa.”</i> (Grupo Focal 01, voluntária 02)	<i>“Portanto, isto é um trabalho de dignificação também, muitos deles não recebem pessoas há anos, membros de família, portanto há aqui um trabalho de presença, de colmatar o seu isolamento e a sua solidão profunda em muitos casos [...]”</i> (Entrevista, voluntário 06) <i>“Isto é muito reconfortante para elas [...] A nossa presença é um sentimento que enche aquele vazio cá dentro [...] é sentir que nós para elas somos, ficamos marcadas e que lhes fazemos bem e que elas sentem-se bem connosco [...]”</i> (Entrevista, voluntária 01)

Promover autoestima

“[...] acho que é essencialmente isso, é ajudar as pessoas a sentirem-se melhor com elas próprias.”

(Grupo Focal 01, voluntária 04)

“[...] nós temos que ter a capacidade para saber dar a volta à situação, para perceber as limitações da pessoa, de forma a ajudá-la a, a ter algum cuidado extra para consigo.”

(Grupo Focal 02, voluntária 04)

“Às vezes são coisas simples como literalmente levar amor a estas pessoas e levar amor é mostrar a estas pessoas que elas contam, há pessoas que dizem “nunca ninguém me olhou nos olhos como vocês nos olham, com respeito” e isto é doloroso de ouvir mas de facto nós sabemos que podemos fazer a diferença.”

(Entrevista, voluntária 31)

“[...] muitas vezes e também para lhes elevar autoestima, fazê-los perceber que eles também são dignos de uma vida porque, como estava a dizer, eles são ostracizados, são muito catalogados e, portanto, muitos deles pensam que a vida acabou e a vida não acabou.”

(Entrevista, voluntária 14)

Preparar para a reinserção social

“Primeiro porque a pessoa para ser inserida na sociedade tem que estar com pessoas primeiro, não é? E o voluntário acaba por ser um treino para estar com pessoas diferentes que não conhece de lado nenhum, e ahm, e também pode ser uma ajuda.”

(Grupo Focal 01, voluntário 01)

“[...] inserir fá-la sentir-se como um elemento de uma família, não é? [...] faça sentir que tem uma amiga, uma

“[...] e, portanto, é esta a sociedade que temos e elas têm que perceber que estas são as nossas regras e que isso é bom para elas, seguirem as regras que a sociedades lhes impõe mesmo que não entendam. É perceber que não podemos sempre atuar como sendo pessoa isoladas, nós vivemos em sociedade e é um bocadinho isso, ensiná-las a viver em sociedade.”

(Entrevista, voluntária 31)

	<i>irmã, um irmão, um primo [...] vai ajudar também a ver que é capaz de produzir e fazer alguma coisa pela sociedade.”</i> (Grupo Focal 02, voluntária 05)	<i>“[...] não só dentro da cadeia como já tem acontecido, também fora numa perspectiva de orientação, orientá-los para uma vida cá fora, uma vida social, para readaptá-los a toda uma vida do quotidiano [...] Este apoio fora é muito importante e que não existe ou que existe muito pouco, só para alguns. Este entrar de novo na sociedade é muito difícil para eles porque saem com uma nódoa negra na sua vida [...]”</i> (Entrevista, voluntária 01)
Diferenças	Vigilância de mudanças na saúde mental <i>“[...] estarmos atentos aos comportamentos de quem está mais isolado, de quem apresenta algum sinal de depressão, de quem está mais irritado, quem está mais revoltado, agressivo, quem não vem ter connosco e vamos nós ter com eles. Sempre respeitando o, o espaço.”</i> (Grupo Focal 02, voluntária 05)	Discrição e evitamento de discussões legais <i>“Para já porque é um contexto difícil e pesado, depois porque é preciso saber fazer esta separação emocional e nem toda a gente consegue fazê-lo, o bom senso, a capacidade de saber escutar, [...] tentar não falar sobre os processos, ter maturidade, ter assiduidade, continuidade, sentido de compromisso [...]”.</i> (Entrevista, voluntário 39) <i>“[...] uma coisa é que nós nunca perguntamos, não queremos saber o crime da pessoa porque a pessoa já está ali, já está a cumprir a sua pena, não precisamos de colocar mais um rótulo.”</i> (Entrevista, voluntária 21)

	Relação de voluntariado e o seu impacto	
Semelhanças	Incertezas e receios nas primeiras interações	
	<i>“E formação, sim, isso sim, acho que é importante, porque, lá está, eu não faço a mínima ideia de lidar com essas pessoas...”</i> (Grupo Focal 01, voluntária 04) <i>“Eu concordo também com aquilo que já foi dito, acho que é uma área muito específica, se calhar não existem muitas pessoas treinadas para isso. Porque, lá está, não sabemos como lidar com a maior parte das situações.”</i> (Grupo Focal 01, voluntária 02) <i>“E nós vemos problemas que não têm solução. Ou pelo menos, não tão acessíveis como alguns dos nossos problemas, isso foi acho que a coisa que mais me chocou na primeira saída.”</i> (Grupo Focal 02, voluntária 03)	<i>“[...] na primeira vez que entrei confesso que pensei “o que é que eu vou encontrar?”</i> (Entrevista, voluntária 10) <i>“Ao princípio entrei na cadeia um bocado com medo, eles pregaram me algumas partidas, deixaram-me sozinha numa cela cheia de reclusos, faz parte assim da praxe, mas rapidamente percebi que estava num sítio onde me senti muito respeitada e muito querida.”</i> (Entrevista, voluntária 14) <i>“[...] como foi a primeira vez que tinha posto o pé no estabelecimento prisional, nunca tinha tido contacto, também estava um pouco assustada “vou ser uma mulher a fazer uma atividade sozinha só com jovens rapazes”, mas afinal, desde o começo foi tudo muito espontâneo [...]”</i> (Entrevista, voluntária 32)
	Relação próxima e empática entre voluntários e os que são apoiados	
	<i>“Eu acho que acaba no final de haver propriamente, ou melhor, o limite está, até onde nós queremos, porque de nós, mantermos uma relação de afetividade muito grande com alguns, é uma questão de empatia ou não [...]”</i> (Grupo Focal 02, voluntária 06)	<i>“[...] há uma frase que nós gostamos de usar que é “Nós somos o amigo que chega quando todos os outros se vão embora [...]”</i> (Entrevista, voluntária 07) <i>“[...] é uma relação de cumplicidade que elas acabam por nos conhecer e elas também estão desposadas e</i>

“[...] eles gostam de nós, nós também gostamos, e criamos uma empatia, e damos bem, não sabemos bem até porquê, mas há casos que eu acho que é necessário termos alguma, algum conhecimento, da, da doença, do que é que pode acontecer com aquela pessoa de repente, porque há doenças que de um momento para o outro pode a pessoa alterar a personalidade, a maneira de falarmos com ela, de qualquer coisa, pode desencadear uma reação não muito boa.”

(Grupo Focal 02, voluntária 05)

qualquer preconceito em relação a nós, somos ali pessoas que estão ali para ajudar e pronto, é bastante positivo.”

(Entrevista, voluntária 10)

“[...]Eu com elas é uma relação de proximidade, faço questão de tratá-las pelo nome e que elas me tratem pelo nome e que sejam exatamente como nós, porque é isso que elas realmente são.”

(Entrevista, voluntária 15)

Maior receptividade para os voluntários comparativamente com outros

“Não aceitamos tão bem uma opinião de um familiar ou de um amigo, se calhar se for uma pessoa que não nos é nada diretamente acaba por nos fazer a companhia [...] acaba por conversar muito mais, do que se calhar, há coisas que diz ao voluntário mas que não diz ao pai [...]”

(Grupo Focal 01, voluntária 02)

“[...] eles também nos viam como pessoas de fora que eles podiam trocar ideia, desabafar um pouco, falar das dificuldades que eles tinham [...]”

(Entrevista, voluntário 28)

“[...] há uma necessidade muito grande do lado de lá em falar porque nós não pertencemos ao sistema prisional e portanto, sabem que aquilo que nos contam fica connosco.”

(Entrevista, voluntária 35)

Crescimento pessoal do voluntário

“E acho que voluntariado até nos enriquece interiormente muito.”

(Grupo Focal 01, voluntária 03)

“Agora humanamente acrescenta claro conhecimento humano, jogo de cintura, uma série de coisas, acrescenta uma série de... aprendo com isso enquanto

“[...] mas no fundo eu achei gratificante, porque elas ao vir ter comigo, elas queriam saber, eu notava que eles queriam aprender, mesmo sem conseguir-se expressar e falar, eu via através do olhar deles que eles queriam mexer naquilo que eu estava a mexer [...] foi sim gratificante, e queria voltar a repetir fazer o mesmo, essas oportunidades.”

(Grupo Focal 02, voluntário 07)

“... e calculo que isso tenha maior valia sempre na pessoa que eu sou enquanto profissional na minha área, enquanto filha, irmã, mulher, o que seja. Eu acho que em todos os campos na minha vida, não tenho dúvida nenhuma que me acrescenta imenso valor o contacto com isso porque percebo que a minha realidade é menos, não é a única e sabe-se sempre muito como qualquer experiência que fora do seu contexto [...] qualquer experiência de voluntariado com uma realidade mais difícil do que a nossa, forma pessoas mais conscientes, mais atentas, profissionais de qualquer área [...] são valências que têm sempre imenso fruto para qualquer profissional, para qualquer pai ou mãe de família, para qualquer pessoa. Em imensas frentes e isso eu observo bastante que essas experiências traduzem-se em competências reais e diferenciadoras para o voluntário e para qualquer cidadão.”

(Entrevista, voluntária 25)

Relativização por parte do voluntário

“[...] também acho que há vários voluntários que passam por, por uma fase de depressão, e quase todos dizem que é muito bom ir para a rua e ajudar outros, porque se calhar entendem melhor os problemas que um e outro está a passar, e para eles até é uma forma de, de ultrapassar, de não pensarem no seu problema, e pensarem nos outros.”

(Grupo Focal 02, voluntária 05)

“Aliás, ir à cadeia muda-nos as perspetivas de olhar das outras pessoas, toda a gente... muda a perspetiva com o recluso, muda a maneira como olhamos para eles como homens, já não é um homem que roubou e que matou. Já é uma pessoa, um ser humano muito mais complexo, com coisas boas [...]”

(Entrevista, voluntária 14)

“[...] deu soluções diferentes para um problema que eu poderia achar que a minha solução era a única portanto foi mais a consciencialização que na saúde mental como, e no voluntariado realmente a, tomar consciência mesmo das dificuldades e dos problemas que há, e também das soluções.”

(Grupo Focal 02, voluntária 06)

“Uma das principais mais-valias é perceber que os nossos problemas não são assim tão graves quando se ouvem as histórias de alguns dos reclusos, portanto esta relativização dos nossos problemas, a desconstrução desta realidade, a diminuição de preconceitos, a capacidade de saber escutar, a capacidade emocional [...]”

(Entrevista, voluntário 39)

“Mais valias é acordar-me para a realidade, é chamar-me à atenção para o contexto em que eu vivo não é o único que existe, que há outros contextos sociais e económicos, espirituais, afetivos, morais, religiosos até, são muito diferentes dos meus e portanto, chama-me à atenção para o facto da realidade ser mais complexa do que aquela realidade que eu experimento todos os dias.”

(Entrevista, voluntário 16)

Diferenças

Auxílio prático em atividades da vida diária

Apoio existencial através da religião

“Nós não estamos ali só a dar a refeição. Nós estamos às vezes a completar aquilo que eles não têm de segunda a sexta [...]”

(Grupo Focal 02, voluntária 04)

“[...] elas têm um outro tipo de grupos lá que são religião, mais interativos, têm a missa... nós voluntárias da Foste Visitar-me, é só mesmo este tipo de voluntariado.”

(Entrevista, voluntária 05)

Semelhanças	Aprender sobre doença mental	Familiarização com o ambiente prisional
	<i>“[...] acho que ia ter uma noção completamente diferente da mente humana a partir do momento que eu soubesse alguma coisa sobre os problemas que a mente humana pode sofrer, não é?”</i> (Grupo Focal 01, voluntário 01)	<i>“[...] é um ambiente muito especial, muito pesado, muito tenso, onde há muita gente da idade dos meus filhos, onde há gente da minha idade ou mais velho do que eu e onde estão pessoas que estão completamente abandonadas... e, portanto, eu não sabia disso antes de aderir.”</i> (Entrevista, voluntário 03)
	Desafios enfrentados pelos voluntários	
	Observar resultados significativos do apoio dos voluntários	
	<i>“[...] conseguir chegar até ao doente de saúde mental e realmente suprir as suas necessidades básicas, conseguir que ele percebesse, perceber ele também se, se ele via os meus fins, e que ele também se, no fim, se sentisse melhor [...]”</i> (Grupo Focal 02, voluntária 03) <i>“[...] se nós vemos que a outra pessoa não está contente com a nossa ajuda é um bocado frustrante para nós, nós estamos a tentar ajudar e não vemos que estamos a ajudar, estamos a piorar a situação, e isso não é muito, não é muito bom para nós.”</i> (Grupo Focal 01, voluntária 04)	<i>“Acho que é muito difícil por exemplo, manter o interesse deles porque eles não vêm os resultados diretos [...] manter o interesse dessas pessoas e realmente mostrar para que serve o nosso, mostrar para que servimos nas vidas deles, mostrar o nosso papel, eu acho que é esse o grande desafio.”</i> (Entrevista, voluntária 30) <i>“Os desafios, o desafio é este de conseguir tirar resultados positivos de situações que à partida são negativas.”</i> (Entrevista, voluntário 33)
	Cuidado dos voluntários para com os indivíduos apoiados	
	<i>“[...] o desafio do que podemos fazer realmente por</i>	

“[...] é chegar até ele, perceber se consegui realmente dar-lhe algum conforto, dar-lhe uma melhor qualidade de vida.”

(Grupo Focal 02, voluntária 03)

estas pessoas porque agora sim temos uma responsabilidade acrescida que é elas vêm parar às nossas mãos e depois temos esta preocupação de as ir acompanhando.”

(Entrevista, voluntária 31)

“[...] é conseguir ter ânimo para ir sempre cheia de esperança porque há muita recidiva e às vezes, eu já fiquei muito frustrada, pessoas que apostei e que depois recaiu [...]”

(Entrevista, voluntária 14)

Desconstruir o estigma e sensibilizar a sociedade

“[...] interpretar o pensamento da pessoa, da pessoa com deficiência mental é uma pessoa como se fosse um animal, que não pensa a 100% como nós, não é?”

(Grupo Focal 01, voluntária 03)

“O meu maior desafio é antes disso tudo, conseguir fazer a quem de direito, chegar a fazê-los entender que a saúde mental e os sem-abrigo são seres humanos com que merecem toda a dignidade e não respostas de pessoas que vêm de centros comunitários, terapêuticos e que lhes é colocada a questão, ou isto ou rua, não há hipótese, porque o Estado já gastou muito dinheiro consigo.”

(Grupo Focal 02, voluntária 01)

“[...] outra coisa é a sociedade, eles saem já com um rótulo e o registo criminal não se apaga de um dia para o outro, hoje toda a gente quer pedir o registo criminal e o registo criminal vem lá e quando vem lá, a sociedade não os aceita e quando os aceita, já apanhamos alguns que foram aceites mas depois quando algumas pessoas da sociedade sabem que há um ex-recluso ou ex-reclusa põem a vida negra.”

(Entrevista, voluntária 34)

“Normalmente as pessoas imaginam um cenário, elas todas com péssimo aspeto, elas todas degradadas. E ali, uma pessoa encontra de tudo, há muitas que são exemplo que é no dia-a-dia elas arranjam-se põem-se direitinhas, aprumam-se todas e há pessoas licenciadas, advogadas, agentes de execução.”

(Entrevista, voluntária 02)

“[...] acho que também muita gente vai lá e que vão já com aquela de observar quase como se fossem uns bichos raros, vão lá para ver mas elas são pessoas normalíssimas como nós, mas vão lá fazer tantos estudos, tantos estudos que elas às vezes dizem “oh meu deus, tudo parece que nos quer estudar, parece que somos uns animais que estamos numa jaula e que toda a gente vem cá fazer perguntas”.”

(Entrevista, voluntária 15)

“Há uma coisa que eu digo muitas vezes que é colocar o Estado de Direito nas prisões, o direito fica à porta das prisões [...] Portanto, nas prisões não se tem conseguido mudar e avançar a humanização porque todos os partidos representados na Assembleia da República têm medo de avançar com qualquer iniciativa porque têm a convicção de que vão ser penalizados eleitoralmente. [...] maior desafio é exatamente este de mudar a opinião pública porque o poder político está sensível.”

(Entrevista, voluntário 20)

Diferenças	Dificuldades em lidar com as pessoas com doença mental	Confronto com o meio prisional como violento
	<i>“Ou seja, o mundo deles é diferente do nosso, nós não conseguimos se calhar fazer, se calhar nem sequer é fisiológico para nós conseguir perceber o que é que aquela pessoa está a pensar naquele momento [...]”</i> (Grupo Focal 01, voluntário 01)	<i>“[...] a adaptação ao meio prisional em si, acho que é um desafio muito grande [...]”</i> (Entrevista, voluntária 37) <i>“[...] eu acho que tudo no contexto prisional é um desafio, primeiro porque não somos psicólogos,</i>

“Quando lidei com pessoas com, com deficiência mental, fez-me um bocado de confusão a maneira como elas vinham ter comigo [...]”

(Grupo Focal 02, voluntário 07)

“[...] muitas vezes eu não tenho a percepção se a pessoa está no seu juízo [...]”

(Grupo Focal 01, voluntária 02)

segundo porque estamos a lidar com gente, com pessoas em circunstâncias completamente diferentes das nossas.”

(Entrevista, voluntário 33)

Vergonha e abandono das pessoas com doença mental

*“Antigamente até tinham vergonha, as pessoas que tinham deficiências em diferentes até tinham vergonha de ter alguém deficiente em casa, algum familiar deficiente pegavam neles e punham no Conde Ferreira, Hospital Conde Ferreira, agora já não é, no Conde Ferreira, é no Magalhães Lemos.
E depois até abandonavam-nos porque tinham vergonha que a sociedade sabia que eles tinham pessoas deficientes. Deficientes mentalmente, mental.”*

(Grupo Focal 01, voluntária 03)

Foco no crime cometido pelo recluso

“Olha-se muito para o crime que a pessoa cometeu e não para a pessoa.”

(Entrevista, voluntário 16)

“A pior foi essa está bem clara. Foi com um pedófilo, percebe que eu aí não consegui ultrapassar porque eu disse que tinha um rapaz e ela disse que tinha um rapaz também, da mesma idade e esse pedófilo perguntava-nos sempre “E os meninos?” e depois começou-nos a mostrar a fotografia do afilhado que dormia com ele e que lhe dava uma corrente de ouro e que nós aí, quase que fugíamos dele porque eu acho a pedofilia uma doença horrível, uma perversão horrível, crianças em risco e aí eu perco um bocado aquele de tudo... [...]”

(Entrevista, voluntária 14)

Apêndice 2 |

Lista de apresentações do estudo em eventos nacionais

- I. Comunicação oral do projeto deste estudo aos alunos do segundo ano do Mestrado em Medicina Legal em 26 de novembro de 2022

Apêndice 3 |

COREQ (Consolidated criteria for Reporting Qualitative research) Checklist

COREQ (Consolidated criteria for REporting Qualitative research) Checklist

A checklist of items that should be included in reports of qualitative research. You must report the page number in your manuscript where you consider each of the items listed in this checklist. If you have not included this information, either revise your manuscript accordingly before submitting or note N/A.

Topic	Item No.	Guide Questions/Description	Reported on Page No.
Domain 1: Research team and reflexivity			
<i>Personal characteristics</i>			
Interviewer/facilitator	1	Which author/s conducted the interview or focus group?	N/A
Credentials	2	What were the researcher's credentials? E.g. PhD, MD	N/A
Occupation	3	What was their occupation at the time of the study?	N/A
Gender	4	Was the researcher male or female?	N/A
Experience and training	5	What experience or training did the researcher have?	N/A
<i>Relationship with participants</i>			
Relationship established	6	Was a relationship established prior to study commencement?	N/A
Participant knowledge of the interviewer	7	What did the participants know about the researcher? e.g. personal goals, reasons for doing the research	N/A
Interviewer characteristics	8	What characteristics were reported about the interviewer/facilitator? e.g. Bias, assumptions, reasons and interests in the research topic	N/A
Domain 2: Study design			
<i>Theoretical framework</i>			
Methodological orientation and Theory	9	What methodological orientation was stated to underpin the study? e.g. grounded theory, discourse analysis, ethnography, phenomenology, content analysis	8;10
<i>Participant selection</i>			
Sampling	10	How were participants selected? e.g. purposive, convenience, consecutive, snowball	N/A
Method of approach	11	How were participants approached? e.g. face-to-face, telephone, mail, email	N/A
Sample size	12	How many participants were in the study?	8
Non-participation	13	How many people refused to participate or dropped out? Reasons?	N/A
<i>Setting</i>			
Setting of data collection	14	Where was the data collected? e.g. home, clinic, workplace	N/A
Presence of non-participants	15	Was anyone else present besides the participants and researchers?	N/A
Description of sample	16	What are the important characteristics of the sample? e.g. demographic data, date	9
<i>Data collection</i>			
Interview guide	17	Were questions, prompts, guides provided by the authors? Was it pilot tested?	N/A
Repeat interviews	18	Were repeat interviews carried out? If yes, how many?	N/A
Audio/visual recording	19	Did the research use audio or visual recording to collect the data?	N/A
Field notes	20	Were field notes made during and/or after the interview or focus group?	N/A
Duration	21	What was the duration of the interviews or focus group?	N/A
Data saturation	22	Was data saturation discussed?	N/A
Transcripts returned	23	Were transcripts returned to participants for comment and/or	N/A

Topic	Item No.	Guide Questions/Description	Reported on Page No.
		correction?	
Domain 3: analysis and findings			
<i>Data analysis</i>			
Number of data coders	24	How many data coders coded the data?	11
Description of the coding tree	25	Did authors provide a description of the coding tree?	11-12
Derivation of themes	26	Were themes identified in advance or derived from the data?	11
Software	27	What software, if applicable, was used to manage the data?	10
Participant checking	28	Did participants provide feedback on the findings?	N/A
<i>Reporting</i>			
Quotations presented	29	Were participant quotations presented to illustrate the themes/findings? Was each quotation identified? e.g. participant number	11-30; 39-52
Data and findings consistent	30	Was there consistency between the data presented and the findings?	31-32
Clarity of major themes	31	Were major themes clearly presented in the findings?	31-32; 33-35
Clarity of minor themes	32	Is there a description of diverse cases or discussion of minor themes?	11-30

Developed from: Tong A, Sainsbury P, Craig J. Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*. 2007. Volume 19, Number 6: pp. 349 – 357

Once you have completed this checklist, please save a copy and upload it as part of your submission. DO NOT include this checklist as part of the main manuscript document. It must be uploaded as a separate file.

Referências

- Borgonovi, F. (2008). Doing well by doing good: The relationship between formal volunteering and self-reported health and happiness. *Social Science & Medicine*, 66(11), 2321-2334. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2008.01.011>
- Botero-Rodriguez, F., Hernandez, M. C., Uribe-Restrepo, J. M., Cabarique, C., Fung, C., Priebe, S., & Gomez-Restrepo, C. (2021). Experiences and outcomes of group volunteer befriending with patients with severe mental illness: An exploratory mixed-methods study in Colombia. *BMC Psychiatry*, 21(1). <https://doi.org/10.1186/s12888-021-03232-z>
- Braun, V., & Clarke, V. (2013). *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. SAGE.
- Carvalho, R. F. S. M., Ferreira, J. M., Leite, Y. S., & Rios, N. F. S. A. (2021). Saúde e voluntariado: Uma revisão sistemática. *Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos*, 16(2), 98-106. <https://doi.org/10.29184//1980-7813.rcfmc.362.vol.16.n2.2021>
- Cassidy, M., Thompson, R., El-Nagib, R., Hickling, L. M., & Priebe, S. (2019). Motivations and experiences of volunteers and patients in mental health befriending: A thematic analysis. *BMC Psychiatry*, 19(1). <https://doi.org/10.1186/s12888-019-2102-y>
- Chui, W. H., & Cheng, K. K. (2013). Effects of volunteering experiences and motivations on attitudes toward prisoners: Evidence from hong kong. *Asian Journal of Criminology*, 8(2), 103-114. <https://doi.org/10.1007/s11417-012-9148-9>
- Classificação portuguesa das profissões 2010*. (2011). Instituto Nacional de Estatística. [Portal do INE](https://www.inec.pt/pt/inec/inec2010)
- Cochran, J. C. (2012). The ties that bind or the ties that break: Examining the relationship between visitation and prisoner misconduct. *Journal of Criminal Justice*, 40(5), 433-440. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2012.06.001>
- Costa, M. P., Conneely, M., Silva, F. M., & Toner, S. (2022). Stakeholders' views on volunteering in mental health: An international focus group study. *BMJ Open*, 12(3), e052185. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2021-052185>
- Costa, M. P., & Oliveira, J. (2023). Views on volunteering in mental health: A focus group study with mental health professionals and volunteers in Portugal. *Discover Mental Health*, 3(12). <https://doi.org/10.1007/s44192-023-00038-1>
- Declaração universal sobre o voluntariado*. (1990). [Microsoft Word - Declaracao Universal.doc \(fea.pt\)](#)

Decreto-Lei n.º389/99, de 30 de Setembro . Diário da República, I Série-A, nº299.
[66946698.pdf \(dre.pt\)](#)

Duncan, H. E., & Balbar, S. (2008). Evaluation of a visitation program at a canadian penitentiary. *The Prison Journal*, 88(2), 300-327. <https://doi.org/10.1177/0032885508319210>

Fernandes, S. (2016). *Manual de apoio na gestão de voluntariado*. FNAJ.

Ferreira, S. (2014). O voluntariado e a promoção do voluntariado em Portugal. *Cooperativismo e Economia Social* (36), 305-316.

Global Burden of Disease [GBD]. (2019). *Mental illnesses prevalence*. Our World in Data [OWD]. <https://ourworldindata.org/mental-health#interactive-charts-on-mental-health>

Global prison trends 2023. (2023). Penal Reform International & Thailand Institute of Justice.

Hallett, C., Klug, G., Lauber, C., & Priebe, S. (2012). Volunteering in the care of people with severe mental illness: A systematic review. *BMC Psychiatry*, 12(1). <https://doi.org/10.1186/1471-244X-12-226>

Heaton, J. (2004). *Reworking qualitative data*. SAGE.

Heaton, J. (2008). Secondary analysis of qualitative data: An overview. *Historical Social Research*, 33(3), 33-45. <https://doi.org/10.12759/HSR.33.2008.3.33-45>

Inquérito ao trabalho voluntário 2012. (2013). Instituto Nacional de Estatística. [Portal do INE](#)

Inquérito ao trabalho voluntário 2018. (2019). Instituto Nacional de Estatística. [Portal do INE](#)

Jacinto, L. M. J. (2020). Evolução do voluntariado em Portugal (2002-2020). *Revista UI_IPSantarém*, 8(2), 157-168. <https://revistas.rcaap.pt/uiips/>

Jensen, L., Lou, S., Aagaard, J., & Vaeggemose, U. (2017). Community families: A qualitative study of families who volunteer to support persons with severe mental illness. *International Journal of Social Psychiatry*, 63(1), 33-39. <https://doi.org/10.1177/0020764016674346>

Klug, G., Toner, S., Fabisch, K., & Priebe, S. (2018). Characteristics and motivations of volunteers providing one-to-one support for people with mental illness: A survey in Austria. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 53(8), 841-847. <https://doi.org/10.1007/s00127-018-1514-1>

Lei n.º 71/98, de 2 de Novembro. Diário da República, I Série-A, nº254. [Lei n.º 71/98 | DR \(diariodarepublica.pt\)](#)

- Lisa A., Kort-Butler., & Malone, S. E. (2014). Citizen volunteers in prison: Bringing the outside in, taking the inside out. *Journal of Crime & Justice*, 38(4), 508-521. <https://doi.org/10.1080/0735648x.2014.969293>
- Maat, O., Hulsebosch, A., & Groot. K. (2016). *JIVE: Building successful partnerships involving criminal justice system*. Stichting 180.
- Portugal com taxa de reclusão superior à média europeia. (2020, abril 7). Diário de Notícias. [Portugal com taxa de reclusão superior à média europeia — dnoticias.pt](https://www.dn.pt/portugal-com-taxa-de-reclusao-superior-a-media-europeia)
- Parboteeah, K. P., Cullen, J. B., & Lim, L. (2004). Formal volunteering: A cross-national test. *Journal of World Business*, 39(4), 431-441. <https://doi.org/10.1016/j.jwb.2004.08.007>
- Perturbação mental em números. (s.d.). Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental [SPPSM]. <https://www.sppsm.org/informemente/perturbacao-mental-em-numeros/>
- Reclusos: Total e por nacionalidade. (2023). Pordata. <https://www.pordata.pt/europa/reclusos+total+e+por+nacionalidade-3313-4712>
- Relatório sobre o estado do voluntariado no mundo 2022: Construindo sociedades equitativas e inclusivas. (2021). Volontaires ONU.
- Romão, G. R., Gaspar, V., Correia, T. P., & Amaro, R. R. (2012). *Estudo de caracterização do voluntariado em Portugal*. PROACT.
- Salselas, M., & Costa, M. P. (2022). The experience of volunteers in prisons in Portugal: A qualitative study. *Frontiers in Psychiatry*, 12, 778119. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.778119>
- Schuhmann, C., Kuis, E., & Goossensen, A. (2018). "Purely for you": Inmates' perceptions of prison visitation by volunteers in the Netherlands. *International Journal of Offender Therapy Comparative Criminology*, 62(14), 4545-4564. <https://doi.org/10.1177/0306624X18764523>
- Serapioni, M., Ferreira, S., & Lima, T. M. (2013). *Voluntariado em Portugal: Contextos, atores e práticas*. Fundação Eugénio de Almeida.
- Snyder, M., Omoto, & Allen M. (2008). Volunteerism: Social issues perspectives and social policy implications. *Social Issues and Policy Review*, 2(1), 1-36. [https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1751-2409.2008.00009.x](https://doi.org/10.1111/j.1751-2409.2008.00009.x)
- Software QRS International NVivo 14. (s.d.). [Computer Software].
- Sundram, F., Corattur, T., Dong, C., & Zhong, K. (2018). Motivations, expectations and experiences in being a mental health helpline volunteer. *International Journal Environmental Research and Public Health*, 15(10). <https://doi.org/10.3390/ijerph15102123>

- Tate, J. A., & Happ, M. B. (2018). Qualitative secondary analysis: A case exemplar. *Journal of Pediatric Health Care*, 32(3), 308-312. <https://doi.org/10.1016/j.pedhc.2017.09.007>
- Tewksbury, R., & Dabney, D. (2004). Prison volunteers. *Journal of Offender Rehabilitation*, 40(1-2), 173-183. https://doi.org/10.1300/J076v40n01_09
- Thompson, R., Valenti, E., Siette, J., & Priebe, S. (2015). To befriend or to be a friend: A systematic review of the meaning and practice of "befriending" in mental health care. *Journal of Mental Health*, 25(1), 71-77. <https://doi.org/10.3109/09638237.2015.1021901>
- Toner, S., Hickling, L. M., Costa, M. P., Cassidy, M., & Priebe, S. (2018). Characteristics, motivations and experiences of volunteer befrienders for people with mental illness: A systematic review and narrative synthesis. *BMC Psychiatry*, 18(1), 378. <https://doi.org/10.1186/s12888-018-1960-z>
- Vicente, P., Gonçalves, A., Alves, F., Pinheiro, H., Barbedo, M. M., Branco, R., & Pereira, S. (s.d.). *Gestão do voluntariado em meio prisional*.
- Voluntariado em meio prisional*. (2023). Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais [DGRSP] <https://dgrsp.justica.gov.pt/Justi%C3%A7a-de-adultos/Penas-e-medidas-privativas-de-liberdade/Atividades-desenvolvidas-em-contexto-prisional/Voluntariado-em-meio-prisional>
- Wu, L., Sheehan, R., & Costa, M. P. (2023). Volunteering in prisons: A systematic review and narrative synthesis. *Public Health*, 220, 155-164. <https://doi.org/10.1016/j.puhe.2023.04.008>
- Yeung, J. W. K., Zhang, Z., & Kim, T. Y. (2017). Volunteering and health benefits in general adults: Cumulative effects and forms. *BMC Public Health*, 18(1), 8. <https://doi.org/10.1186/s12889-017-4561-8>